

Encontro com a Palavra

Apostila nº 13

I e II Coríntios

Capítulo 1

Estudo Resumido da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios

A Primeira Carta que Paulo escreveu aos Coríntios é uma típica carta pastoral escrita para as igrejas que ele tinha fundado durante o seu ministério, como o maior missionário plantador de igrejas na história da igreja de Jesus Cristo. Sua carta aos Romanos foi uma obra-prima teológica, de conteúdo amplo e genérico, escrita para um grupo de cristãos que ele não conhecia pessoalmente. As outras cartas foram escritas do ponto de vista de um pastor, para igrejas que ele conhecia muito bem, e tinham o objetivo de corrigir alguns problemas ou instruir e encorajar os cristãos na caminhada de fé. A primeira carta de Paulo aos Coríntios tem essas características.

A Seção de Disciplina da Carta:(Capítulos 1 a 11)

Paulo fundou a igreja em Corinto durante sua segunda viagem missionária (cf. Atos 18). Durante sua estada de três anos e meio em Éfeso, Paulo visitou a igreja de Corinto mais uma vez e bem rapidamente. Foi durante esta segunda visita que ele foi informado dos problemas que tinham surgido durante sua ausência. Essa primeira carta de Paulo aos Coríntios tratou da solução desses problemas e como eles poderiam ser corrigidos.

Apesar de tantos problemas, Paulo reconheceu os cristãos de Corinto como “*santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos*” (1:2). A maneira como Paulo tratou os cristãos nesta carta, tem algo a nos ensinar sobre a palavra “santificado”. O significado desta palavra é “separado”. Um povo santificado não pressupõe um povo perfeito, mas um povo separado para seguir a Cristo. Paulo, que tinha levado a Cristo os primeiros membros daquela igreja, tomou para si a responsabilidade de ensinar aos coríntios a maneira certa de viver. Afinal, eles tinham sido chamados para serem representantes de Cristo na terra.

Os onze primeiros capítulos da Primeira Carta aos Coríntios tratam daquilo que impedia o crescimento e o testemunho dos cristãos da cidade de Corinto, tanto individualmente, quanto como igreja. A maneira como Paulo tratou dos problemas da igreja naquela cidade serve como exemplo para que tratemos dos mesmos problemas que surgem nas igrejas do século vinte e um.

Os Problemas do Quais Paulo Tomou Conhecimento Através de Cloe

Cloe informou Paulo dos seguintes problemas: divisão na igreja, imoralidade e processos judiciais de um irmão contra outro na justiça comum da cidade de Corinto.

Paulo disse textualmente aos coríntios de que forma teve conhecimento dos problemas da igreja. Isso também é um exemplo para os que pastoreiam igrejas. No capítulo um, versículo 11, lê-se: *“Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado, pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós”*. Paulo deixou claro que sua fonte de informação foi o grupo de cristãos que se reunia regularmente na casa de Cloe. Não foi

evasivo nem usou de subterfúgio quanto à fonte de informações quando o assunto se referia a problemas envolvendo cristãos da igreja.

É comum nas igrejas, pessoas procurarem o pastor e dizerem que contarão isso ou aquilo a respeito de alguém se tiverem a garantia de que não serão reveladas. Paulo não admitia esse tipo de conduta e não agia de maneira que parecesse acusação a algum membro da igreja. Ele cuidou do problema, repreendendo, corrigindo, e fazendo o possível para sua solução. Quando algum membro da igreja não se dispunha a assumir o que dissera, Paulo considerava tudo como fofoca. Ele estabeleceu a conduta e deu o exemplo para que o sigamos e não colaboremos na proliferação de fofocas.

O Problema da Divisão na Igreja (Capítulos 1 a 4)

A igreja de Corinto estava dividida porque seus membros tinham-se polarizado em torno dos seus líderes. Paulo foi o pastor fundador da igreja e cuidou dela durante seus primeiros dezoito meses. Ele era considerado uma das mentes privilegiadas daqueles

dias e como os habitantes de Corinto representavam uma cultura altamente intelectualizada, muitos dos coríntios se polarizaram ao redor desse líder a quem tinham como exemplo. A igreja de Corinto pode ser comparada a igrejas de cidades onde há grande número de universidades. A expressão muito usada na época, “falar como se fala em Corinto”, expressava como a cultura grega era valorizada naquela cidade.

Outro pastor chamado Apolo, pregador eloqüente na cidade, tinha a preferência de outros discípulos da Primeira Igreja de Corinto.

Ao mesmo tempo, pessoas menos cultas da igreja se polarizaram em torno do apóstolo Pedro, que era considerado inculto. Esse favoritismo entre os cristãos formou uma divisão que é o assunto dos quatro primeiros capítulos desta carta. Um dos ensinamentos que tiramos desses capítulos é que os líderes de igreja não devem lutar entre si em busca de destaque e os membros devem se unir e seguir a Jesus e não a Seus ministros.

O Problema de Imoralidade na Igreja (Capítulo 5)

O acontecimento de que trata o capítulo cinco é que um dos membros da igreja de Corinto estava vivendo com a mulher do seu pai e, apesar de parte da igreja ter conhecimento do fato, nada foi feito para disciplinar o comportamento imoral daquele homem. Paulo confrontou a negligência dos membros e deixou isso claro no capítulo cinco, quando os instruiu a que expulsassem aquele homem da igreja. Na segunda carta de Paulo aos coríntios há referência de que os membros da igreja seguiram essa orientação. Depois o Apóstolo os instruiu a recebê-lo de volta à comunhão da igreja (cf. 2 Coríntios 2:4-8).

O Problema de um Cristão Processar Judicialmente outro Cristão (Capítulo 6)

Paulo foi taxativo na questão de disputas litigiosas entre os membros da igreja que estavam buscando orientação e julgamento de juizes que não tinham o Espírito Santo para

resolver seus problemas. Paulo ensina que o Espírito Santo dentro deles poderia resolver seus conflitos. Ironicamente Paulo sugere que os menos qualificados espiritualmente dentro da igreja são mais habilitados para tratar de uma disputa desse tipo do que um juiz que não tem sabedoria espiritual. Paulo não afirma isso com todas as letras, mas usa de ironia para transmitir seu pensamento. Ele ensinou que é melhor o crente ser lesado do que levar um irmão na fé para justiça e prejudicar o testemunho de Cristo na comunidade.

Sua instrução inspirada serviu como base para o que se chama hoje de “Cânon da Lei” na Igreja Católica Romana. Essa orientação levou muitos cristãos a se recusarem a resolver suas questões na justiça comum, a despeito de sofrerem perdas. Este capítulo também nos encoraja a buscar o conselho sábio e maduro de líderes espirituais.

Perguntas Que Paulo Respondeu a Respeito do Casamento (Capítulo 7)

Paulo inicia o capítulo sete dizendo: “*Quanto ao que me escrevestes...*”. Isso revela que Paulo teve outras fontes de informações além daquele grupo de irmãos que se reunia

na casa de Cloe. Ele fala de uma carta que recebera. Este capítulo é a resposta de Paulo às perguntas que aquela igreja lhe fez por meio de uma carta, a respeito de questões de casamento.

Algumas traduções da Bíblia dividem este capítulo em parágrafos e cada um deles é a resposta a uma dessas perguntas. Estudando as respostas que Paulo deu, podemos concluir que perguntas eles tinham feito.

Todas as respostas de Paulo devem ser consideradas à luz do versículo 26 deste capítulo: “*por causa da angustiosa situação presente*”. Essa angustiosa situação era a perseguição pela qual a igreja estava passando. A maioria dos conselhos de Paulo neste capítulo aplica-se a esse período de perseguição da igreja e por isso Paulo aconselha os solteiros a continuarem no estado em que estavam e que seria bom que o homem não tocasse em mulher.

Além da angustiosa situação de perseguição, outro motivo, segundo Paulo, é que os solteiros podem se dedicar totalmente ao Senhor, enquanto que os casados têm de

se ocupar com as responsabilidades para com o cônjuge. Ele encerra o capítulo estimulando o celibato e o descreve como um dom que Deus dá para alguns. Paulo também ensinou aqueles cristãos, solteiro ou casado, a viverem bem na situação que estavam, e não desejarem mudança na condição de estado civil. Paulo deixou claro que o casamento é totalmente aprovado para aqueles que não foram chamados a permanecer solteiros.

O Irmão Mais Fraco (Capítulos de 8 a 10)

Muitos cristãos coríntios tinham dúvidas quanto a comer carne que tivesse sido sacrificada a ídolos. Este é o assunto dos capítulos 8 a 10. Paulo ensinou que eles não deveriam comer carne que tinha sido sacrificada a ídolos se isso viesse a ser causa de tropeço para outros cristãos. Mas deixou bem claro que o fato de comer carne sacrificada a ídolos não compromete a fé de ninguém porque, como diz Paulo, “*sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus*” (8:4).

Paulo explicou que não são todos que têm esse entendimento. Alguns, sendo fracos, associam comer carne, à imoralidade e à adoração de ídolos e por isso não a comem. A questão não é o que é certo ou errado, mas sim o quanto você ama o seu irmão. Cristo amou-o suficientemente para morrer por ele; e você? Você o ama o suficiente a ponto de por causa dele desistir de um prato de carne?

Paulo finaliza esta seção da carta compartilhando três princípios que devem ser aplicados nessas questões para as quais não existe uma ordem específica na Bíblia:

1. Faça tudo para a glória de Deus.
2. Faça aquilo que resultará na salvação do irmão mais fraco.
3. Certifique-se de que você não está buscando os seus próprios interesses.

O Papel da Mulher na Igreja (Capítulo 11)

Dos versículos primeiro ao vigésimo segundo do capítulo 11, Paulo tratou da questão da posição da mulher em relação ao homem e a Deus. Além de ordenar que as mulheres cobrissem suas cabeças ao orar e profetizar e que os

homens deixassem a cabeça descoberta, Paulo deixou claro que a mulher ore e profetize em reuniões da igreja. Esta passagem não está dizendo que as mulheres devem usar chapéus ou véus quando vão à igreja. O ensino de Paulo nesta passagem refere-se a um costume da época, quando as mulheres usavam véus, o que ainda acontece em muitas partes do mundo. Quando uma mulher cristã decidia não usar mais o véu, ela estava desonrando o seu marido e foi disso que Paulo tratou. Outro costume tratado por Paulo refere-se ao das prostitutas daquela época, que costumavam usar a cabeça descoberta e cabelos curtos. Por isso Paulo afirma que é vergonhoso para a mulher usar os cabelos curtos; ; estes deveriam ser longos.

Paulo conclui dizendo que “*Cristo é o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo*” (11:3).

Profanação da Mesa do Senhor (Capítulo 11)

Nos versículos 23 e 24, Paulo lembra os coríntios a importância da Mesa do Senhor e enfatiza como o coração deve ser preparado antes de tomarmos parte dela. Ele disse que o cristão só deve tomar parte da Mesa do Senhor depois de se ter examinado e se achar em condição digna para isso. Paulo falou que o aproximar-se da Mesa do Senhor indignamente pode acarretar sérias conseqüências; por isso muitos achavam que não eram dignos dela. Mas não é isso que Paulo está falando. A Mesa do Senhor mostra que Jesus é digno. O que devemos reter do ensino que Paulo transmitiu aos coríntios e aplicá-lo, é que não devemos nos aproximar da Mesa do Senhor de maneira indigna.

A Seção Construtiva da Carta (Capítulos 12 a 16)

Os últimos quatro capítulos referem-se a uma seção construtiva da carta onde Paulo indica soluções para os problemas citados na seção anterior. Paulo inicia dizendo: “*A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes*”. A partir daí Paulo

passou a falar sobre vários assuntos: os dons do Espírito, a igreja, o corpo vivo, o amor, a atuação do Espírito nas reuniões da igreja, doutrina da ressurreição e sua aplicação nas nossas vidas e a mordomia.

Nos capítulos anteriores, de 1 a 11, Paulo tratou dos problemas na igreja de Corinto. Apesar de se tratar de cristãos em quem o Espírito Santo habitava, eles ainda cultivavam muitos costumes e prazeres da carne.

Paulo iniciou esta nova seção da carta dizendo: “*A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes*”. Nesses capítulos, de 12 a 16, Paulo apresentou soluções para os problemas que a igreja estava enfrentando.

Nos capítulos dois e três Paulo deu três classificações para o homem: o homem natural, aquele que está espiritualmente morto e não tem o Espírito Santo; o homem espiritual, que já recebeu, e em quem habita o Espírito Santo e que, portanto está espiritualmente vivo; e o homem carnal, aquele que já recebeu o Espírito Santo, mas que

opta por viver na “carne”, de conformidade com o “homem natural, e sem o cuidado de Deus”.

A forma como Paulo conduziu esta carta permite-nos identificar espiritualmente os cristãos de Corinto. Paulo se dirigiu a eles como “santificados” e depois os chamou de “carnais”. No capítulo 12, ele disse: “... *não quero, irmãos, que sejais ignorantes...*”. Podemos concluir, então, que os cristãos de Corinto eram espirituais, mas tinham um comportamento carnal porque eram espiritualmente ignorantes.

Dons Espirituais

De acordo com Paulo, as soluções espirituais para os problemas na igreja começam com a atuação do Espírito Santo (cf. os capítulos 12 a 16). O Espírito Santo derrama dons sobre os crentes e Paulo queria ensinar aquela igreja a respeito desses dons, para que tivessem maior consciência de como o Espírito Santo desejava trabalhar neles e entre eles, igreja do Cristo vivo e ressuscitado.

Amor

No final do capítulo 12 Paulo disse: “... *procurai, com zelo, os melhores dons. E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente*” (v.31). Paulo continuou escrevendo o que se tornou conhecido como “O Capítulo do Amor da Bíblia”, I Coríntios 13. Este capítulo enfoca quinze virtudes que expressam a essência do amor (cf. 13: 4-7). Quando entendemos esse conjunto de virtudes que expressam o amor, fruto do Espírito Santo que habita no crente, entendemos também a excelência do amor acima de todos os outros dons (cf. Gálatas 5: 22,23).

O amor é o “*caminho sobremodo excelente*” que o Espírito Santo usa para solucionar problemas individuais ou coletivos na vida dos crentes. Paulo usou a descrição do amor para mostrar aos coríntios como eles poderiam resolver os problemas pelos quais a igreja estava passando. Vejamos o resumo dessa carta de Paulo: ele ensinou que o Espírito Santo opera um milagre tremendo no crente e a evidência desse milagre é o amor. O

Espírito Santo opera outro milagre tremendo no crente quando vem sobre ele ou quando o unge para um ministério. As provas ou evidências desse milagre são os dons do Espírito, que capacitam os crentes para o ministério. Mas não é possível haver o milagre do Espírito Santo sobre os crentes sem antes haver o milagre do Espírito Santo dentro deles.

A Vida no Corpo

No capítulo 12 Paulo descreve a igreja como um corpo e no capítulo 14 estabelece a ordem que deve prevalecer entre nós durante a manifestação do Espírito Santo, em nós e sobre nós. Esse capítulo é conhecido como “O Capítulo das Línguas” porque nele Paulo dá explicações detalhadas com respeito ao dom de línguas. Nele Paulo cita a palavra “língua” quinze vezes. Mesmo assim, o tema principal do capítulo é: “Como deve ser uma reunião da igreja?” (cf. 14:26). Mais de quarenta e cinco vezes nesse capítulo, Paulo enfatizou o conceito de que, quando reunidos, os crentes devem edificar uns aos outros.

A Aplicação da Ressurreição (Capítulo 15)

Ressurreição significa “vitória sobre a morte”; significa mais do que a ressurreição física de Cristo ou de algum cristão. Neste capítulo da ressurreição, Paulo ensina que ressurreição é um poder em contínua operação na vida diária do cristão. Além disso, a ressurreição de Cristo é a base da nossa fé, como disse Paulo, “*se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados*” (15:17).

A Ressurreição é uma propriedade vital do Evangelho. No capítulo dois Paulo disse que quando esteve em Corinto estava determinado a não saber nada entre eles, senão a Jesus Cristo e Este crucificado. Paula finaliza essa carta da mesma maneira que começou, lembrando aos coríntios o Evangelho que ele tinha pregado e esse Evangelho compreende dois fatos: o primeiro, a morte de Jesus Cristo pelos nossos pecados; e o outro, a ressurreição de Jesus Cristo, que provou ter sido Ele qualificado para morrer pelos nossos pecados. Os primeiros quatro versículos do capítulo 15 sintetizam a declaração básica do Evangelho no Novo Testamento. Depois dessa declaração, Paulo

escreve mais cinqüenta e quatro versículos sobre o segundo fato: a ressurreição de Jesus Cristo que prova Sua deidade e O distingue de todos que se declaram deuses e não o são, e nos dá verdadeira esperança.

Mordomia Aplicada (Capítulo 16)

No último capítulo Paulo trata do terceiro ponto espiritual que ele queria compartilhar com os coríntios: a questão da mordomia. Paulo estava pedindo àqueles cristãos gentios, de uma igreja que ele tinha plantado, que se sacrificassem e contribuíssem com ofertas em favor dos cristãos judeus de Jerusalém e da Judéia, que estavam sofrendo com perseguição e fome. Que lindo milagre esse: o antigo Saulo de Tarso, que antes perseguia judeus na Judéia, agora faz um apelo para que os gentios ofertem em favor dos judeus cristãos, seguidores de Cristo, que antes ele mandava para a prisão para serem mortos. Isso mostra a natureza universal do corpo de Cristo e a maneira como seus membros

podem ajudar uns aos outros trazendo cura e aplicando os princípios de uma fiel mordomia.

O Pastor Paulo

“Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas” (2 Coríntios 11:28). Paulo sentia peso pelas igrejas que tinha plantado e estava disposto a arriscar tudo para cuidar dessas igrejas. Ele estava disposto a sofrer e até morrer para que as igrejas crescessem em conhecimento e entendimento do mistério de Cristo.

Como resultado do trabalho de Paulo pelas igrejas fundadas por ele, hoje temos acesso a essas jóias preciosas que são suas cartas pastorais, e que nos ensinam como cuidar das nossas igrejas. Enfrentamos muitos problemas semelhantes aos das igrejas dos dias de Paulo; Em cartas como essa escrita aos coríntios, aprendemos como cuidar e atender àqueles que Deus coloca sob nossos cuidados.

Capítulo 2

Um Enfoque Mais Detalhado da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios

Cristo Está Dividido? (Capítulos 1-4)

A Primeira Carta aos Coríntios é uma carta de disciplina, na qual Paulo, o pastor fundador da igreja, confronta os problemas pelos quais os crentes de Corinto estavam passando. O primeiro problema abordado referia-se à divisão na igreja. Os crentes estavam divididos entre aqueles que eles achavam ser seus melhores líderes. O melhor líder para eles era quem os tinha levado a Cristo ou quem os tinha batizado: “*Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo*” (1:12).

Mas Paulo tratou desses problemas de divisão fazendo uma pergunta básica: “*Acaso, Cristo está dividido?*” (v. 13). Quando Paulo perguntou se Cristo estava dividido, foi direto à causa principal de toda a divisão na igreja. Se cremos na ressurreição de Jesus Cristo, cremos que Ele está vivo em nossos corações.

Se Cristo vive nos corações dos crentes, então todos deveriam concordar a respeito de questões fundamentais referentes a Ele e deveriam saber que Cristo não pode ser dividido com essas questões. Como Cristo, que vive em nós, vê a questão de diferença de raça ou classe social? Se Cristo vive em nós e nós vivemos nEle, o que achamos a respeito dessa questão, ou de qualquer outra?

Se Cristo que vive em nós tem apenas uma opinião sobre racismo ou classes sociais, e se há divisões entre nós, é porque abrigamos essa divisão dentro de nós. Paulo estava exortando os coríntios contra a divisão na igreja, e sua mensagem básica era para que eles seguissem a Cristo e não líderes humanos. Paulo escreveu àqueles que se polarizaram ao seu redor e foi a eles que se dirigiu nos quatro primeiros capítulos desta carta. Ele concluiu esta seção dizendo que, ele plantou, Apolo regou, mas foi Deus que fez crescer. Quem plantou ou quem regou é nada, porque foi Deus que fez a planta crescer. Portanto, não devemos nos gloriar no homem, mas *“aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”*.

Não Exalte o Batismo

Paulo começou seu combate às divisões dizendo: *“Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que não se anule a cruz Cristo”* (1:17). Paulo aqui fez uma distinção bem clara entre a importância do batismo e a pregação do Evangelho.

Enquanto os crentes debatem a ligação do batismo com nossa salvação, Paulo ensina que o batismo não salva ninguém. Se salvasse, ele o teria incluído na mensagem do Evangelho; mas ele deixou isso de lado, como algo que preferia não fazer. Ele justifica sua posição dizendo que se tivesse batizado muitos cristãos de Corinto, talvez eles tivessem se tornado seus seguidores ao invés de seguidores de Cristo.

Não Exalte a Sabedoria Humana

Paulo perguntou: *“Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?...Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes”* (1:20, 27).

Os cidadãos de Corinto eram conhecidos pelos seus debates filosóficos e intelectuais e essa intelectualidade fazia-os considerarem-se superiores.

Mas Paulo levou aos coríntios, uma mensagem diferente. Ele ensinou aos cristãos daquela cidade que os sábios deste mundo não são sábios aos olhos de Deus. Pelo contrário, Deus usa aquilo que é considerado tolo para envergonhar o que é sábio, para que desta forma Sua glória seja revelada. Ao mesmo tempo, isso não quer dizer que é impossível que intelectuais conheçam a Deus, e que apenas os tolos O conheçam. O que tudo isso quer dizer é que devemos nos gloriar em Deus e não em nós mesmos:

“Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1: 30,31).

Não Exalte o Ministro

Paulo continuou sua mensagem dizendo que o Espírito Santo é o único agente doador da vida e do nascimento espiritual: *“Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus” (2:1–5).*

Deus usa homens para comunicar Sua mensagem de salvação, mas usa o poder do Espírito Santo para provocar mudanças naqueles que ouvem o Evangelho. A mudança na condição espiritual de uma pessoa não resulta de nenhuma habilidade humana, mas do poder do Espírito Santo naqueles que ouvem o Evangelho. Como Paulo estava se dirigindo aos coríntios que tinham se polarizado ao seu redor e da sua liderança, agora ele os exortava a não se gloriarem nas suas habilidades ou talentos. Quando Paulo escreveu esses quatro primeiros capítulos, exortou aqueles cristãos a gloriarem-se no poder do Espírito Santo que os tinha salvado quando ouviram o Evangelho e não no mensageiro que apresentou a mensagem.

Exalte o Espírito Santo como Mestre

Quando lemos um livro, aprendemos com os olhos. Quando ouvimos uma palestra, é com nossos ouvidos que assimilamos. Quando unimos esses dois sentidos, temos o processo de aprendizado áudio-visual que é mais eficiente. Também podemos aprender

através das nossas emoções ou através da nossa própria vontade, ou do nosso coração. Mas, ensinando aos coríntios, Paulo disse que eles só poderiam adquirir conhecimento espiritual através do Espírito Santo: *“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus”* (2:9–10).

Através desse trecho Paulo ensinou que o Espírito de Deus é quem ensina coisas espirituais ao homem. O homem não consegue aprender nada espiritual através dos olhos nem dos ouvidos nem do coração. Segundo Paulo, o homem aprende verdades espirituais através do Espírito Santo.

O homem espiritual recebeu o Espírito de Deus e este Espírito lhe dá a capacidade de saber e entender a mente de Deus. Paulo usou uma ilustração intrigante para explicar isso: *“Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito*

de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, e sim o Espírito que vem de Deus para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente” (2:11–12).

Quem conhece o pensamento do homem é o espírito desse homem. Da mesma forma, quem conhece o pensamento de Deus é o Espírito de Deus. E como nós recebemos o Espírito de Deus, podemos conhecer os Seus pensamentos.

Por outro lado, o homem natural, aquele que está morto espiritualmente, não consegue compreender as questões espirituais: *“Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (14).* De acordo com Paulo, um homem sem o Espírito de Deus simplesmente não pode entender as questões espirituais.

Exalte Deus como Seu Líder

No capítulo três, Paulo disse aos coríntios que eles estavam se comportando como homens não espirituais. No início da carta, Paulo dirigiu-se a eles como “santificados”.

Mas depois ele se referiu a eles como “carnais” e “crianças em Cristo” (cf. 3:1). Aquela divisão na igreja revelou que eles ainda eram carnais, ou seja, ainda estavam se comportando de maneira não espiritual: “*Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnais e andais segundo o homem?*” (3:3). Aquela polarização ao redor dos seus líderes mostrou que eles ainda eram espiritualmente imaturos.

Ao invés de se voltarem para seus líderes, eles deveriam entender o papel de Deus como cabeça do corpo: “*Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus*” (5–7). Mais uma vez a mensagem de Paulo é clara: eles deveriam seguir a Deus e não a homens. Dessa forma ele conclui esta seção: “*Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso*” (v.21). Não se glorie nos homens e nem seja seguidor de homens. Glorie-se em Deus e siga a Deus, que escolheu as coisas fracas e tolas deste mundo para confundir as sábias.

Capítulo 3

Amor Que Confronta (Capítulo 5)

Quando Paulo escreveu aos coríntios para que não houvesse divisão entre eles por causa de seus líderes, incluiu um ensinamento sobre julgamento: “... a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo. Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor. Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não somente trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações; e, então, cada um receberá o seu louvor da parte de Deus” (4:3–5).

Julgar o Coração do Homem. . .

A maioria dos coríntios tinha um julgamento positivo a respeito de Paulo e o considerava superior aos outros líderes da igreja. No entanto Paulo deixou claro que para ele isso não tinha a menor importância, pois se nem ele mesmo podia avaliar as reais intenções do seu coração, muito menos outras pessoas o fariam! O coração do homem é muito mais profundo do que ele próprio pode conhecer. Paulo ensinou que devemos deixar que Deus julgue as reais intenções do coração do homem.

Julgar as Atitudes do Homem

Se não sabemos as reais intenções do nosso próprio coração, como poderemos saber as intenções do coração de outras pessoas? Paulo disse que não podemos julgar as verdadeiras intenções do coração dos homens, mas ele não disse que jamais devemos julgar outros. O que não podemos fazer é julgar as intenções do coração dos homens. No capítulo seguinte, o capítulo cinco, Paulo repreendeu as mesmas pessoas porque elas

não estavam julgando alguém que deveriam julgar: um homem que estava vivendo com a mulher do seu pai, tendo com ela um relacionamento imoral. Paulo repreendeu os coríntios porque eles não tinham julgado aquele homem e o fez da seguinte maneira: *“Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me, com isto, não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso, teríeis de sair do mundo. Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com esse tal, nem ainda comais. Pois com que direito haveria eu de julgar os de fora? Não julgais vós os de dentro? Os de fora, porém, Deus os julgará. Expulsai, pois, de entre vós o malfeitor”* (5:9–13).

Aprendemos com esta passagem, que o julgamento se aplica tanto para os de dentro da igreja, como para os que estão fora dela. Não devemos julgar os de fora nem cortar relações com eles por causa de seu comportamento pecaminoso. Se tivéssemos que nos separar totalmente jamais poderíamos compartilhar o Evangelho com eles. Mas

o que devemos fazer é deixar que Deus julgue os incrédulos. A nossa preocupação deve ser continuar compartilhando com eles a graça que Cristo oferece.

Mas com relação aos que são da igreja, aqueles que confessam com a própria boca que o Espírito Santo habita neles e os ensina a caminhar, esses devem ser confrontados quando suas atitudes não condizem com o que eles professam. No caso de uma conduta imoral dentro da igreja, Paulo considerou os coríntios irresponsáveis por não terem julgado aquela pessoa.

Saber Quando Confrontar

A Bíblia não diz que jamais devemos julgar uns aos outros. Não há dúvidas quanto a isso. Muitos cristãos quando confrontados gostam de citar as palavras de Jesus: “*Não julgueis*”. Essas foram as duas primeiras palavras de Jesus a respeito de julgar os outros. Depois de dizer “não julgueis”, Jesus falou muitas outras coisas sobre este assunto. Ele disse que não devemos julgar o comportamento de outras pessoas sem antes julgar o

nosso próprio comportamento (cf. Mateus 7:1–5). Mas é nossa responsabilidade como membros da família de Deus, confrontar aqueles que estão em pecado, prejudicando a si mesmos e a outros dentro do corpo de Cristo (cf. Mateus 18:15; Gálatas 6:1).

Quando Paulo exortou os cristãos de Coríntios para que confrontassem aquele homem que estava em pecado, ele usou alguns parâmetros para medir a necessidade de confrontação. Primeira coisa: o homem estava vivendo em pecado. Não foi um pecado que ele cometeu uma vez e depois se arrependeu. Ele estava vivendo em pecado e não mostrava nenhum sinal de arrependimento nem de querer interromper aquele padrão de comportamento. Apesar de não existir pecado que esteja além do perdão de Deus, Deus não vai perdoar alguém que se recuse a reconhecer o seu pecado e a se arrepender dele. Como aquele homem não mostrou nenhum sinal de arrependimento nem desejo de mudança, o conselho de Paulo foi para que ele fosse excluído do corpo. O que nos traz ao segundo ponto do capítulo cinco desta carta: um crente que não mostra disposição para arrependimento deve ser excluído da comunhão do corpo.

Confrontar Por Amor

A base para confrontação do irmão ou irmã que está em pecado deve ser o amor; porque o amamos não vamos ficar parados, assistindo-o arruinar sua comunhão com Cristo, com ele mesmo e com as pessoas que o rodeiam. Nosso objetivo ao confrontar alguém, é ver a pessoa reintegrada ao corpo de Cristo, conforme aprendemos em Mateus 18 e Gálatas seis. Devemos corrigir com “espírito de brandura”, (Gálatas 6:1), e Deus os guiará “pelas veredas da justiça por amor do Seu nome” (cf. Salmo 23:3).

É difícil, mas é essencial, que os irmãos que estejam vivendo em pecado sejam confrontados, para que sejam reintegrados na comunhão com o Senhor e com o corpo de Cristo. Eles devem entender que suas atitudes são prejudiciais a si próprios e aos seus relacionamentos. Isto se aplica principalmente quando o problema se refere a relacionamento extraconjugal.

A vida pecaminosa de um crente prejudica tanto o testemunho dele diante de pessoas incrédulas, como o testemunho de todo o corpo. Muitos incrédulos consideram os crentes hipócritas. Se eles virem uma pessoa que se diz crente em Jesus, vivendo em pecado, imediatamente consideram essa pessoa hipócrita e terão mais uma razão para rejeitar o Evangelho e a salvação. Se eles nos virem associados com aquele crente que está em pecado e perceberem que não fazemos nada a respeito disso, vão achar que também somos hipócritas. Pela saúde espiritual do nosso irmão ou da nossa irmã e pelo testemunho de todos os irmãos da igreja, é essencial que aqueles que estão vivendo em pecado sejam confrontados em amor e humildade. Nosso objetivo básico ao confrontar o irmão ou a irmã que está em pecado é que a comunhão deles com Cristo e com a igreja seja restaurada.

Capítulo 4

Manual do Casamento (Capítulo 7)

O capítulo sete de I Coríntios tornou-se conhecido como o “capítulo do casamento”. Ele contém várias respostas às perguntas que os coríntios tinham feito a Paulo através de uma carta, com referência ao casamento, ao divórcio, a casar-se novamente, ficar solteiro e quanto a relacionamento físico dentro do casamento. Há séculos este capítulo tem sido usado por pastores como o manual do casamento quando os membros da igreja buscam orientação nessa área.

A questão principal enfocada neste capítulo é saber “o que é o casamento aos olhos de Deus”. Na primeira carta aos Coríntios descobrimos qual é o plano de Deus para o casamento e que problemas conjugais podem surgir neste relacionamento.

Algumas pessoas afirmam que esse capítulo não é totalmente inspirado por Deus porque às vezes Paulo fala com a autoridade de Deus e outras vezes, manifesta sua

própria opinião. Por exemplo, quando Paulo falou no versículo 10 *“aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido”*, ele estava dando um ensino do Senhor. Outras vezes, entretanto, ele deixou bem claro que o que estava dizendo era sua própria opinião: *“Ao mais digo eu, não o Senhor: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone”*; *“Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião, como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel”*; *“será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus”*. (7:12, 25 e 40).

Apesar de Paulo ter dado sua opinião “humana” nesses versículos, não podemos considerá-la como não sendo do Senhor. Paulo foi muito cuidadoso ao transmitir o ensino de Cristo neste capítulo. Quando Paulo pode dar respostas baseadas na Lei de Deus ou no ensino de Jesus, ele o fez. Quando não havia ensino de Jesus ou da Lei a

respeito do assunto, ele falava como homem que “recebeu do Senhor a misericórdia de ser fiel” (cf. 7:25 e 40).

Em nenhum momento, ao escrever sobre casamento, Paulo passou a idéia de que sua opinião não fosse inspirada por Deus.

“Por Causa da Angustiosa Situação Presente”

Neste capítulo Paulo foi enfático ao aconselhar os coríntios a não procurarem uma situação diferente daquela em que se encontravam quando foram chamados para seguir a Cristo. Este foi o seu conselho “*por causa da angustiosa situação presente*” (v.26). A igreja estava vivendo um período de perseguição, e por isso Paulo pensava que era melhor que o solteiro continuasse solteiro para não haver mais preocupações no seu dia-a-dia.

Quando os coríntios escreveram a Paulo, é possível que tenham perguntado se seus filhos que eram solteiros deveriam se casar. Paulo foi claro ao dizer que seus filhos, e filhas virgens deveriam continuar solteiros. Ele não proibiu o casamento, mas encorajou

que se mantivessem solteiros. Por isso, ele começou o capítulo dizendo: “*é bom que o homem não toque em mulher*” (1). Uma vez que aqueles jovens tinham-se decidido por se manterem solteiros, deveriam também ficar livres de tentação.

Apesar da orientação de Paulo para que se mantivessem como estavam, ele também afirmou que escolher o casamento não era uma opção pecaminosa: “*caso, porém, não se dominem, que se casem; porque é melhor casar do que viver abrasado*”; “*mas, se te casares, com isto não pecas*”; “*entretanto, se alguém julga que trata sem decoro a sua filha, estando já a passar-lhe a flor da idade, e as circunstâncias o exigem, faça o que quiser. Não peca; que se casem*” (9, 28, 36).

Existe alguma especulação a respeito do estado civil de Paulo. Ele tinha sido membro do sinédrio e para isso era necessário que o homem fosse casado. Ao mesmo tempo, no versículo oito, ele aconselhou os viúvos e solteiros a permanecerem no estado em que ele também vivia. Diante disso, muitos estudiosos concluem que Paulo deveria ser viúvo.

“Não vos priveis um ao outro”

O relacionamento físico entre um homem e uma mulher visa a procriação, mas também o prazer dos dois. Paulo apoiou essa idéia ao escrever: *“O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência”* (7:3–5).

Paulo se dirigiu aos solteiros nos versículos anteriores dizendo: *“é bom que o homem não toque em mulher”* (1), mas isso não se aplica às pessoas casadas. De acordo com esta passagem, o sexo visa o prazer do casal e isso é atingido quando os cônjuges buscam primeiramente o prazer do companheiro e não o seu próprio.

O marido deve procurar agradar a mulher e a mulher ao marido e os dois não devem privar um ao outro da intimidade sexual.

Não existem parâmetros de certo e errado, normal ou anormal dentro do sexo no casamento. A palavra chave é “reciprocidade”. Não existe certo ou errado para tudo o que o casal faz no intuito de proporcionar prazer um ao outro. O importante é que seja recíproco. Paulo falou que a única razão para o marido e a mulher não terem relação sexual é se os dois decidirem passar um tempo em jejum e oração, mas isso é uma decisão que os dois devem tomar juntos.

Esse conceito não apenas determina os parâmetros para a abstinência sexual, como também o tipo de relacionamento espiritual do casal. Apesar de estarem casados e compartilharem uma intimidade física diante de Deus, cada um deles tem o seu relacionamento individual com Deus. O relacionamento mais importante não é o conjugal, mas o relacionamento com Deus. Entretanto, as pessoas conversam com mais liberdade sobre o seu relacionamento conjugal do que sobre o seu relacionamento com Deus.

Esta passagem também nos ensina que a melhor maneira de nos guardarmos contra a imoralidade sexual é certificando-nos de que homem e mulher estejam plenamente satisfeitos com o tipo de relacionamento sexual que desfrutam no casamento. A cidade de Corinto estava afundada em imoralidade e Paulo queria que os casais estivessem sexualmente satisfeitos dentro do casamento, para que se resguardassem da tentação fora de casa. O casal que desenvolve uma relação sexual mutuamente gratificante está protegido contra as tentações da imoralidade.

“Deus Vos Tem Chamado à Paz”

Além da questão do relacionamento conjugal e de ficar ou não solteiro, este capítulo também trata da questão do divórcio. É evidente que os coríntios perguntaram a Paulo se era permitida a dissolução do casamento por meio do divórcio. Paulo respondeu a esta pergunta nos versículos 10 e 11, mas nós podemos resumir sua resposta com

apenas uma palavra: “não!”. Paulo citou a palavra de Jesus aos fariseus na qual Ele fala da indissolubilidade do casamento sustentada pela Lei (Mateus 19:3-9).

Mas nos versículos 12 a 16 tratou da pergunta que não foi respondida por Jesus diretamente: um crente pode se divorciar do seu cônjuge incrédulo? O conselho de Paulo foi muito justo: *“se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido... Mas se o descrente quiser apartar-se, que se aparte; em tais casos, não fica sujeito à servidão nem o irmão, nem a irmã; Deus vos tem chamado à paz. Pois, como sabes, ó mulher, se salvarás teu marido? Ou, como sabes, ó marido, se salvarás tua mulher?”* (12–13, 15–16).

Paulo instruiu os coríntios que o cônjuge crente deve permanecer casado com o incrédulo e ser exemplo do amor e da graça de Deus, para que ele seja salvo. Veja também I Pedro 3:1-6.

Se o casamento for dissolvido, que seja do cônjuge incrédulo a iniciativa. Quando isso acontecer, o irmão ou irmã “*não fica sujeito à servidão*” (7:15).

O Prisma do Amor

Os estudiosos não são unânimes a respeito do que exatamente Paulo quis dizer por “sujeito à servidão”, no versículo 15. Alguns acreditam ter ele dito que se o incrédulo desistir do casamento, o crente fica livre para se divorciar, mas não para se casar novamente, uma vez que as Escrituras em Romanos 7:2 e 3 afirmam que não pode haver outro casamento se o primeiro cônjuge ainda estiver vivo. Outros acham que os cônjuges podem se divorciar e se casar novamente, uma vez que este versículo afirma que o cônjuge não fica sujeito à servidão, entretanto não dá maiores explicações.

Apesar dos estudiosos discordarem quanto à interpretação deste versículo, devemos interpretá-lo com espírito de amor. De acordo com Paulo, Deus deu a Lei ao homem para protegê-lo e fazer com que ele prosperasse, não porque o quisesse aprisionar. “*Digo isto*

em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor” (7:35).

Há uma distinção bem definida entre os ensinamentos de Jesus e o ensino dos fariseus. Jesus aplicou a Lei sob o prisma do amor de Deus; os fariseus se contentavam em “jogar o Livro” sobre as pessoas, aplicando a Lei sem amor. Por isso devemos passar os ensinamentos da Lei pelo prisma do amor de Deus antes de aplicá-los na vida das pessoas.

Por exemplo, uma pessoa que estava divorciada antes de se converter pode ou não se casar? As Escrituras afirmam que uma pessoa divorciada só pode se casar se o seu primeiro cônjuge morrer. Se impuséssemos tal coisa sobre alguém, estaríamos agindo como os fariseus, que usavam a lei para tornar a vida do povo desgraçada e não para expressar o amor e o cuidado de Deus pelo homem. Os fariseus fizeram isso quando repreenderam Jesus por ter curado um homem no dia de Sábado; Jesus passou a Lei

pelo prisma do amor de Deus e repreendeu os fariseus dizendo: “*O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado*” (Marcos 2:27).

Por que então, Deus instituiu as leis do casamento? A resposta é: porque Deus queria que o homem e a mulher usufríssem as bênçãos do casamento e da família. Deus também queria que tivéssemos uma estrutura que possibilitasse a existência do casamento e da família. Mas, algumas igrejas usam essas leis do casamento para impedir que as pessoas vivam da maneira plena que Deus planejou para elas. Como Paulo disse: “*a letra mata, mas o espírito vivifica*” (2 Coríntios 3:6).

Se a versão da Bíblia que você está usando divide este capítulo em parágrafos, você poderá identificar qual foi exatamente a pergunta que os coríntios fizeram e que Paulo respondeu em cada parágrafo. Podemos concluir que os coríntios perguntaram a respeito de divórcio, de casamento entre duas pessoas crentes, de casamento misto, isto é, entre um cônjuge convertido e outro não, e se os filhos solteiros deveriam ou não se casar, diante “*da angustiosa situação*” de insegurança e perseguição.

É possível que os coríntios também tenham perguntado qual deveria ser o procedimento em relação àquelas pessoas que já tinham sido casadas diversas vezes antes de se converterem. Podemos concluir que eles perguntaram isso por causa do parágrafo que vai do versículo 17 ao 24. De maneira resumida, esta foi a resposta de Paulo: não podemos querer reverter ao passado as ações de um novo convertido; não podemos dizer para ele voltar a se casar com alguém de quem já se divorciou ou se divorciar do seu segundo cônjuge. Paulo falou três vezes neste parágrafo: “*ande cada um segundo o Senhor lhe tem distribuído*”; “*cada um permaneça na vocação em que foi chamado*”; “*cada um permaneça diante de Deus naquilo em que foi chamado*” (17,20,24).

Paulo usou a expressão “chamado” várias vezes nesta carta. Quando ele a usou, estava se referindo à experiência de salvação daqueles a quem ele estava se dirigindo. Quando uma pessoa é salva, ela deve pedir que Deus abençoe a condição civil em que se encontrava no momento da salvação. Se casada com um incrédulo, deve ler o ensino

de Paulo de I Coríntios 7:12-16 e se solteira, deve perguntar a Deus se Ele a está chamando para ser casada ou se para permanecer como está.

Celibato: Servir ao Senhor sem Impedimentos

No final do capítulo, Paulo lista os benefícios do celibato: *“O que realmente eu quero é que estejais livres de preocupações. Quem não é casado cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor; mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar ao marido. Digo isto em favor dos vossos próprios interesses; não que eu pretenda enredar-vos, mas somente para o que é decoroso e vos facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor”* (32–35).

Paulo aqui ensinou que para servirmos ao Senhor sem qualquer distração devemos permanecer sem casar; optar pelo celibato. Este assunto não tem a ver com aquela

“angustiosa situação” que mencionamos anteriormente. O que Paulo está falando aqui é ter o coração totalmente voltado para o Senhor. Para que isso aconteça é melhor que a pessoa não esteja casada; não que o casamento faça da pessoa alguém pior do que era; não é isso; mas quando a pessoa virgem se casa tem dificuldade para se dedicar ao seu cônjuge e ao Senhor ao mesmo tempo. A decisão pelo celibato é uma decisão que deve ser tomada somente entre a pessoa e o Senhor, porque só o Senhor fará da vida dela uma vida completa. No versículo sete Paulo afirma que o celibato é um dom.

“O Que Deus Ajuntou”

Esse capítulo do casamento tem levantado algumas questões das quais, a mais difícil de responder é: “qual o significado do casamento aos olhos de Deus?”. Esta pergunta é respondida por Jesus em Mateus 19:6: “... *o que Deus ajuntou não o separe o homem*”. Quando duas pessoas cristãs se unem no santo matrimônio, elas dedicam suas vidas uma a outra porque crêem que Deus as uniu. Essa convicção é a base para a estabilidade do

casamento e não o pedaço de papel que os declara casados legalmente. A decisão dos cônjuges, de enfrentar todas as variáveis na questão da compatibilidade, é razão suficiente para fundamentar o casamento de acordo com a orientação divina.

Capítulo 5

Três Princípios Para a Vida Cristã (Capítulos 8 a 10)

Em algumas culturas, existem entre os cristãos algumas questões controversas como, por exemplo, beber vinho, uso de certas vestimentas, ou corte de cabelo. Em Corinto a questão controversa referia-se a comer carne sacrificada a ídolos. Fora da igreja, os cidadãos de Corinto adoravam ídolos e em nome deles faziam sacrifícios, inclusive de animais, cuja carne depois era vendida no mercado por preço reduzido. Muitos membros da igreja, antes de se converterem a Cristo, participavam desses rituais. Depois de

convertidos queriam saber se era certo ou errado comer daquela carne que tinha sido sacrificada a ídolos. Muitos achavam que era errado porque ela estava associada à idolatria.

Outras pessoas na igreja, geralmente aquelas que tinham um nível cultural mais elevado ou que já eram cristãs há mais tempo, não viam mal nenhum em comer carne que tivesse sido sacrificada a ídolos. Para eles os ídolos não passavam de um amontoado de ouro, prata, madeira ou pedra que não tinham a menor influência no âmbito espiritual. No capítulo oito, versículo quatro, percebemos que Paulo se identificava com esse ponto de vista quando diz: “... *sabemos que o ídolo, de si mesmo, nada é no mundo e que não há senão um só Deus*”. Para Paulo os ídolos de prata ou ouro não tinham valor algum, e comer da carne que tinha sido sacrificada a eles não tinha nenhuma influência negativa sobre a fé.

“*Entretanto*”, argumentou Paulo, “*não há esse conhecimento em todos*” (7). Paulo disse que nem todos têm essa maturidade. Ele escreveu esses três capítulos a fim de

instruir àqueles que têm esse entendimento, quanto ao tratamento que deve ser dado ao irmão que não tem a mesma compreensão sobre este assunto. Paulo deixou de falar sobre o comer ou não carne sacrificada a ídolos, para falar do relacionamento entre irmão em Cristo, e como aqueles que são mais fortes devem ter consideração pelos mais fracos na fé. Em objeção a liberdade de comer qualquer coisa, Paulo disse aos cristãos mais fortes: *“Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, ser tropeço para os fracos... por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo”* (9, 13).

Paulo sabia que isso preocuparia os cristãos “mais fortes”. Ele era campeão em liberdade espiritual e reprovava qualquer forma de legalismo. Ele não queria ver as pessoas transformarem seus ensinamentos em algum manual de regras cristãs ou em qualquer forma de legalismo, dizendo: “por que nossa liberdade espiritual tem de ser limitada por causa da fraqueza do meu irmão?”.

Paulo escreveu esses três capítulos para deixar este ensino para os coríntios, e também para nós, para que haja consideração pelos irmãos mais fracos e necessitados, e porque são questões para as quais não existe uma orientação específica na Bíblia.

Três Princípios da Liberdade da Vida Cristã

Este ensino está resumido nos últimos versículos do capítulo 10: *“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus. Não vos torneis causa de tropeço nem para judeus, nem para gentios, nem tampouco para a igreja de Deus, assim como também eu procuro, em tudo, ser agradável a todos, não buscando o meu próprio interesse, mas o de muitos, para que sejam salvos”* (10:31–33).

Há três princípios inseridos nesta passagem:

Primeiro: nossa prioridade deve ser a glória de Deus;

Segundo: nossas atitudes devem ter como objetivo a salvação de outras pessoas;

Terceiro: os interesses dos outros devem vir antes do nosso próprio interesse.

A questão não é o que é certo ou errado nem tem a ver com o nosso direito de fazer ou não alguma coisa. A questão é o que glorifica a Deus, o que leva outras pessoas a serem salvas e colocar o interesse do próximo em primeiro lugar. Quando refletimos sobre esses três princípios, percebemos que eles expressam um conceito enfatizado por Paulo, resumido em quatro letras: A-M-O-R.

Essa idéia não é sustentada pelo mundo. Os valores culturais deste mundo são expressos pela “lei de auto preservação”. As pessoas tomam atitudes de acordo com o que acarretará benefícios para elas. A pergunta básica é: “o que eu ganho com isso?”. Mas a filosofia de Cristo, ensinada por Paulo, resume-se em dar; dar para Deus, para que Ele receba a glória, e dar ao próximo para que sejam salvos e edificados.

Nossa salvação fez-nos escravos de Cristo. Não somos mais livres para fazer o que queremos. Somos impelidos a viver como Cristo viveria, buscando a salvação e edificação de outras pessoas para a glória de Deus.

Aplicação dos Três Princípios da Vida Cristã

No capítulo nove Paulo mostrou como aplicou esses três princípios em sua própria vida. Para começar, ele defendeu sua liberdade: “*Não sou eu, porventura, livre? ... Não temos nós o direito de comer e beber? E também o de fazer-nos acompanhar de uma mulher irmã, como fazem os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas?... Se nós semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais? Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida?*” (9:1, 4–5, 11–12). Nestes versículos Paulo falou sobre o seu direito de comer e beber, de ter uma esposa com ele e de receber bens materiais pelos serviços ministeriais prestados.

Tudo Para Todos

Vivendo sob essa lei de liberdade, o apóstolo Paulo era livre para agir como quisesse, desde que não contrariasse os ensinamentos de Cristo. Entretanto ele não escolheu viver dessa forma e deixou isso bem claro para os coríntios dizendo: “*Entretanto, não usamos desse*

direito; antes, suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo... eu, porém, não me tenho servido de nenhuma destas coisas” (12,15). Apesar de ter liberdade para agir como quisesse, Paulo escolheu agir diferente, para não prejudicar a propagação do Evangelho, que era o seu objetivo principal. Assim Paulo agiu de maneira altruísta, colocando a glória de Deus e a salvação dos perdidos acima dos seus próprios interesses.

O ponto principal da mensagem de Paulo está no parágrafo que vai dos versículos 19 ao 23 do capítulo 9: *“Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os*

modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele”.

Sendo um homem livre, Paulo escolheu deliberadamente se tornar escravo de todos os homens pelo bem do Evangelho. Ele preferiu tornar-se servo para que dessa forma tivesse oportunidade de apresentar o Evangelho e a salvação aos que eram servos. Se fosse um judeu, Paulo ajustaria sua pregação para fazer o Evangelho claro e atraente a um judeu. Se fosse uma pessoa sem estudos, ele faria uma pregação simples para que todos a entendessem.

Apesar de haver certos limites difíceis de ultrapassar, Paulo fazia o possível para tornar o Evangelho claro e interessante para quem não estivesse sob o domínio da lei. Ele não comprometia a sua fé, mesmo que outros a rejeitassem; mas estava sempre disposto a usar sua liberdade em Cristo para tornar o Evangelho compreensível a todas as pessoas.

Paulo fez da liberdade em Cristo uma das suas principais preocupações, e rejeitava toda forma de legalismo; era sempre preocupado com o irmão mais fraco e com a união do corpo de Cristo. Sempre tendo isso em mente, ele escolheu se abster de práticas que servissem de impedimento para o irmão mais fraco.

Sendo livres em Cristo para fazer várias coisas, somos também responsáveis pelas conseqüências das nossas ações para com outras pessoas, principalmente daquelas que participam conosco da comunhão do corpo. Se uma atitude nossa, mesmo que não viole a santidade de Deus nem o nosso relacionamento com Cristo, mas faça um irmão ou irmã tropeçar, então devemos nos abster de fazer tal coisa. Não podemos aplicar o princípio que Paulo ensinou, mandando o irmão mais fraco sair ou olhar para o outro lado, mas sim através de constante preocupação e amor para com o irmão ou irmã em Cristo e para com a unidade do corpo.

O Papel da Mulher na Igreja

No capítulo 11 Paulo tratou do papel da mulher e da Ceia do Senhor. Ele orientou as mulheres a cobrirem suas cabeças e a usarem cabelos compridos: “*E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha*” (15). Na cultura de Corinto, as prostitutas usavam cabelo curto ou a cabeça raspada, e esse é o motivo das instruções de Paulo, para que as mulheres cristãs cobrissem a cabeça e usassem cabelos compridos, para assim se distinguirem das outras mulheres.

Essa recomendação dizia respeito especificamente àquela cultura, mas o seu princípio se aplica a outras culturas. Se na nossa cultura existissem costumes ligados a vestuário ou corte de cabelos associados à prostituição, então deveríamos evitar tais costumes para não sermos motivos de escândalo entre nossos irmãos cristãos, por causa da nossa aparência. Por outro lado se os costumes da nossa cultura não têm nenhuma associação com prostituição, então não há nada errado em que as mulheres cristãs usem seus cabelos curtos.

Como já comentamos anteriormente no estudo desta carta, quando Paulo disse que a mulher deveria estar com a cabeça coberta ao orar ou profetizar, ele não quis dizer que as mulheres devam usar chapéus ou véus para ir a igreja. Esse costume ainda está associado às culturas do Oriente Médio, onde as mulheres devem usar o véu quando estão em lugares públicos. Embora Paulo tenha ensinado na Carta aos Romanos, que não devemos nos conformar com este mundo, Romanos 12:2, não devemos ser totalmente indiferentes à cultura em que estamos inseridos. Os missionários, hoje, devem estar conscientes disso e serem sensíveis aos diferentes aspectos culturais.

O que Paulo falou com referência às mulheres “orarem e profetizarem nas reuniões, diz respeito ao desempenho da mulher na igreja. Um estudo mais profundo sobre esse assunto leva-nos a concluir que a mulher pode fazer qualquer coisa na igreja, desde que o faça sob a autoridade da liderança. Baseados nesse estudo, podemos afirmar que todos na igreja estão sob a autoridade dos líderes, os quais estão sob a autoridade do Cristo vivo e ressurreto e da Palavra de Deus.

“Comer o Pão e Beber o Cálice do Senhor Dignamente”

Ao exortar os coríntios quanto aos abusos à Mesa do Senhor, Paulo recomendou que eles tivessem cuidado uns com outros e que examinassem seus corações antes de tomarem parte na Mesa do Senhor. Ele tinha ouvido falar que algumas pessoas não estavam tomando os elementos da comunhão de maneira digna e que não tinham consideração pelos irmãos em Cristo com os quais se reuniam: *“Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague”* (21).

Fazia parte do costume da igreja primitiva celebrar o que eles chamavam de “festa do amor” antes da celebração da Santa Ceia. Pelo que Paulo escreveu, podemos entender que eles não colocavam a comida que traziam sobre uma mesa para todos. Cada um levava o que ia comer. Enquanto os ricos levavam muita comida, os pobres, e até escravos nada tinham para levar. Os que tinham muita comida, comiam antes daqueles que tinham

pouco ou nada para comer. Para alguns comentaristas bíblicos Paulo jogou uma balde de água fria nas reuniões de ceia daquela igreja, quando perguntou: “*Não tendes, porventura, casas onde comer e beber?*” (22).

Eles participavam da ceia sem se preocupar com os outros cristãos. Alguns participavam apenas para satisfazer a vontade de tomar vinho. Na verdade queriam o vinho só para se embriagar. Hoje, talvez alguns se espantem ao saber desses exageros da igreja de Corinto, principalmente se compararem com a celebração da Santa Ceia nas nossas igrejas. Mas devemos ter em mente que esses foram os primeiros membros da primeira igreja naquela cidade cheia de imoralidade. Aqueles que são pais biológicos ou na fé, sabem bem a confusão que os bebês fazem. No capítulo três, versículo um, Paulo tinha chamado os coríntios de bebês.

Esses abusos eram absolutamente reprováveis para Paulo. O objetivo principal da Ceia do Senhor é lembrar a morte e a ressurreição de Cristo, e o que aqueles elementos significam para a comunhão do cristão com o próprio Cristo e com os irmãos participantes

da Mesa. Paulo repreendeu os coríntios dizendo: “*Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice*” (27–28).

Em algumas traduções, houve uma interpretação equivocada desse texto e de acordo com essas traduções, nesta passagem os coríntios são orientados a não participarem da Mesa do Senhor se estiverem indignos dela. Essa não é uma tradução ou interpretação muito feliz porque faz com que algumas pessoas pensem que não são dignas da Mesa do Senhor e assim quando cometem algum pecado, deliberadamente decidem abster-se de participar da Mesa justamente no momento em que mais precisam dela. A tradução correta da instrução de Paulo para os coríntios, e também para nós, é que devemos nos aproximar da Mesa do Senhor de maneira digna. A Mesa do Senhor tem a ver com a nossa indignidade e com a Dignidade de Cristo como nosso Salvador Sofredor e Ressurreto.

O que Paulo estava dizendo é que a Ceia do Senhor é um tempo de reflexão diante do Senhor. Eles não deveriam se encher de comidas finas nem se embebedarem com vinho, enquanto outros irmãos só assistiam. Aquele momento era reservado para a comunhão uns com os outros: “*Assim, pois, irmãos meus, quando vos reunis para comer, esperai uns pelos outros*” (33). A união entre os irmãos é um aspecto importante da comunhão. Esperar pelo irmão tardio para que todo o corpo possa ter comunhão é um símbolo da unidade diante do Cristo vivo, cuja morte e ressurreição celebramos individualmente e como corpo.

Como temos nos aproximado da Mesa do Senhor? Você se examina antes de comer o pão e tomar o vinho que representam o corpo e o sangue de Cristo derramado na cruz em seu favor? Você reconhece a importância do corpo e do sangue de Cristo no seu relacionamento vertical com Ele, o qual afeta o seu relacionamento horizontal com o corpo de Cristo, a comunidade espiritual?

Medite sobre esse texto, sobre o significado da Mesa do Senhor, e depois faça dessa experiência uma experiência sagrada, tanto individual como coletivamente, lembrando-se do sacrifício e da ressurreição de Jesus Cristo.

Capítulo 6

A Seção Construtiva da Carta A Atuação do Espírito Santo

Paulo iniciou a seção prática desta carta declarando: “*A respeito dos dons espirituais, irmãos, não quero que sejais ignorantes*” (12:1). Os coríntios tinham sido santificados e chamados para ser santos, mas eram carnais. Eles não eram um bom testemunho de Cristo porque eram santos ignorantes. A preocupação do grande mestre da primeira geração da igreja era: “*não quero que sejais ignorantes*”.

Do ponto de vista humano, os crentes de Corinto eram inteligentes e dominavam várias áreas do conhecimento humano. Também tinham conhecimento de Deus e do Espírito Santo, mas eram ignorantes quanto à atuação do Espírito Santo. O desejo de Paulo ao escrever esta seção da carta era acabar com essa ignorância. Ele começou ensinando àqueles crentes ignorantes como o Espírito Santo opera na igreja.

Conceitos Errados a Respeito do Espírito Santo

A igreja de Corinto era o que poderíamos chamar hoje uma “Igreja Carismática”. Paulo inicia esta seção da carta na qual dá ênfase a atuação do Espírito Santo, dizendo que eles tinham uma idéia errada do papel e da atuação do Espírito Santo na igreja. De acordo com Paulo, não devemos ser ignorantes a esse respeito. Na seqüência veremos o que Paulo ensinou sobre as manifestações do Espírito Santo e sobre os riscos de erro quando o crente se inicia nessas manifestações.

O Espírito Santo Derrama Dons

Paulo iniciou seu ensino afirmando que o Espírito Santo concede dons espirituais: *“Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecias; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente”* (12:4, 8–11).

Quando o Espírito Santo se estabelece entre os cristãos, traz com Ele dons espirituais. O Espírito Santo derrama diversos dons em diferentes pessoas para serem usados em ministérios específicos. Apesar da variedade de dons e das diferentes aplicações, todos são concedidos por um único doador, o Espírito Santo. Esses dons têm alcance dentro e

fora da igreja de Cristo; através desses dons, crentes são ministrados por outros na própria Igreja. Quando isso acontece, toda igreja é edificada ou aperfeiçoada para o trabalho do ministério, que além de atingir os cristãos, abençoando-os, também tem alcance fora do âmbito da igreja, cumprindo a Grande Comissão.

Diversidade dos Dons Espirituais

No capítulo 12, aprendemos dois princípios opostos entre si, mas que se complementam. Em primeiro lugar aprendemos que existe uma diversidade de dons; se duas pessoas fossem exatamente iguais e tivessem absolutamente o mesmo dom, uma delas seria dispensável. Mas, todos os santos e seus respectivos dons espirituais são necessários dentro da igreja. Nem todos os membros recebem os mesmos dons. Alguns são professores, outros profetas, outros têm discernimento, alguns têm dons administrativos e outros dons de cura.

Uma igreja cheia do Espírito terá no seu corpo uma variedade de pessoas abençoadas com diferentes dons, todos controlados pelo Espírito Santo. O Espírito Santo não é uma substância líquida. O Espírito Santo é uma pessoa. Ou temos a Pessoa do Espírito Santo habitando em nós ou não a temos. O conceito literal de ser cheio do Espírito Santo significa ser controlado por Ele.

Os Dons Espirituais Funcionam Como Um Corpo

O segundo princípio refere-se à unidade na igreja local. Todos os membros unidos em torno de uma única Pessoa, Cristo. Isto também quer dizer que apesar de serem pessoas diferentes, dotadas de diferentes dons, todos trabalham com um único propósito.

Como funcionam num grupo de pessoas, esses dois princípios opostos entre si? Paulo responde a esta pergunta ao apresentar a igreja de Cristo funcionando como o corpo humano: *“Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros,*

sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo” (12:12). Nosso corpo é feito de mãos, pés, ouvidos, pulmões e tantas outras partes, mas cada uma funciona em coordenação com todo o resto do corpo. Cada parte tem sua função específica e funciona para o bem estar de todo o corpo. Cada parte tem um tipo de dom e está unida com o resto do corpo através de Cristo, o Cabeça desse corpo (Colossenses 1:18).

Os Dons Espirituais Resistem à Uniformidade

Infelizmente, nem todas as igrejas apreciam a diversidade dos dons do Espírito Santo e preferem que todos os seus membros tenham os mesmos dons: cura ou profecia ou línguas ou qualquer outro dom. Para eles alguns dons ou manifestações do Espírito Santo são mais importantes do que outros. Além disso, essas igrejas acreditam que todos os seus membros devem ter certos dons ou manifestações do Espírito que funcionam como

credenciais de crente. Não é isso o que Paulo explica na seção construtiva de sua carta: “*os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo*” (4). De acordo com Paulo esse tipo de igreja não funciona muito bem e, usando a figura do corpo humano, ele explica: “*Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato?...Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós*” (17, 21). Paulo está falando de unidade e não de uniformidade. Com Paulo aprendemos que é a unidade e não a uniformidade que Cristo tem para a igreja.

A Função da Igreja

Este capítulo traz uma ilustração da função essencial da igreja e mostra que ela é mantida através da unidade. Também aprendemos que os membros da igreja são marcados pela diversidade. Paulo não está falando de diversidade teológica ou doutrinária, mas de uma diversidade de dons entre os membros da igreja que não prejudica a unidade do corpo e que deve ser estimulada.

A igreja também funciona através da pluralidade. Ou seja, o Espírito Santo usa todos os seus membros para que a obra de Cristo seja cumprida e Sua Palavra seja anunciada ao mundo. A obra de Cristo não é feita através das mãos de um ou dois líderes da igreja, mas através de todos os membros exercendo seus dons espirituais.

Paulo também ensina que os membros da igreja devem ser solidários uns com os outros: *“De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam”* (26).

E, finalmente, os membros do corpo de Cristo funcionam com equidade, ou seja, apesar de possuírem diferentes dons, todos possuem o mesmo valor aos olhos de Deus. Por isso, Tiago, um dos grandes líderes da Igreja do Novo Testamento, destaca o problema social de aceitação de pessoas como um pecado: *“... se, todavia, fazeis aceitação de pessoas, cometeis pecado, sendo argüidos pela lei como transgressores”* (Tiago 2:9).

Apesar de alguns crentes e seus respectivos ministérios receberem mais destaque do que outros na igreja, todos têm o mesmo valor. Deus fez o corpo assim: *“... para que não*

haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros” (25).

Os Dons São Para Edificação

O capítulo 14 desta carta mostra o que acontece quando um dom é mais valorizado do que outro, principalmente o dom de línguas. Dentro da igreja de Corínto, aqueles que falavam em línguas se consideravam melhores do que os que não falavam e fizeram deste dom um tipo de credencial ou “certificado de vida cristã”, ao invés de o considerarem como mais um, entre todos os dons que o Espírito Santo derrama sobre o corpo de Cristo. Cabe aqui fazer a seguinte pergunta: o dom de línguas é a experiência pela qual todo cristão passa ou é uma das experiências dos cristãos?

Três Problemas nas Igrejas em que há Dons

As igrejas que dão liberdade para a manifestação dos dons do Espírito enfrentam alguns problemas. Entretanto muitos pastores preferem enfrentar esses problemas que acompanham a manifestação dos dons, a ter uma igreja em absoluta ordem, mas sem a vida espiritual que os dons trazem para ela. Imagine um cadáver: tem aparência normal, mas está morto!

Um dos problemas que comumente surge é a discriminação. Algumas pessoas acham que seus dons ou o tipo de ministério que têm são superiores a outros dons e ministérios. A discriminação também leva pessoas que não têm dom nem o mesmo padrão de ministério a depreciar aquelas que os têm. E como os crentes tendem a ser inseguros espiritualmente, os que foram depreciados começam a duvidar do seu real valor e deixam o convívio da igreja. Então surge o terceiro problema: a divisão dentro da igreja.

Com o tempo essa divisão pode chegar a ponto de os membros romperem uns com os outros e formarem outro grupo que lhes dê o apoio que procuram. Existem duas mil ramificações Protestantes dentro do corpo de Cristo. Será que o seu corpo funcionaria bem se estivesse dividido em duas mil partes? Por todo o mundo esses três problemas: discriminação, depreciação e divisão, têm destruído ou ferido gravemente o corpo de Cristo.

Para impedir que o problema aumentasse, Paulo confrontou os coríntios exortando-os a que não colocassem o dom de línguas acima de outros dons e ensinou que esse dom não era superior aos demais, nem servia como qualquer tipo de credencial dentro do corpo. De todos os dons citados no capítulo 12, o dom de línguas está em último lugar; todos os outros dons do Espírito servem para a edificação da igreja. O dom de línguas, se não for usado com o dom de interpretação, não edifica o corpo de Cristo. É o que diz Paulo: “*O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja*” (v.4). Paulo comparou o dom de línguas com o dom de profecia para

mostrar que aqueles que estavam elevando o dom de línguas, na verdade não entendiam que todos os dons espirituais deveriam ser usados para edificação do corpo. É possível que eles estivessem orgulhosos com “a língua de oração” que usavam com o Espírito Santo e que outros membros não tinham. O Espírito Santo concede esta língua para ser usada com outra pessoa que tenha o dom da interpretação, para que o corpo seja edificado (14: 27,28).

Paulo exortou os coríntios a usarem seus diferentes dons para benefício de todo o corpo: “*Que fazer, pois irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação. Seja tudo feito para edificação*” (26). Em outras palavras, nossos dons devem ser usados para edificação do corpo de Cristo. Eles foram dados para promover a unidade e para fortalecer os diversos dons e ministérios.

Aplicação

Qual é o seu dom espiritual ou o seu ministério? Você já sabe com que dom o Espírito Santo o capacitou? Com que dom você vai servir o corpo de Cristo?

Quer o seu dom seja de ensino, discernimento, sabedoria, evangelização, administração, ajuda, misericórdia, cura ou qualquer outro dom que Paulo descreveu, foi o Espírito Santo quem o capacitou com o que você precisa para glorificar a Deus e edificar a Sua igreja. Estude esta lista de mais de vinte dons espirituais e em oração, junto com outros irmãos e com a ajuda do Espírito Santo, descubra quais são os seus dons espirituais.

De acordo com Paulo, não existe nenhum membro do corpo de Cristo que não tenha algum dom. Comece hoje a usar os seus dons e veja o Senhor capacitando cada vez mais para Sua glória.

Capítulo 7

O Que É Amor? (Capítulo 13)

Paulo tratou de vários problemas que estavam acontecendo dentro da Igreja de Corinto e ofereceu soluções para cada um deles. Mas uma dessas soluções pode ser aplicada para todos os problemas que os coríntios enfrentaram e que hoje nós enfrentamos em nossas igrejas. Essa solução é o amor, o amor ágape.

Um Caminho Sobremodo Excelente

O tema do capítulo 13, o Capítulo do Amor, começa com o último versículo do capítulo 12: “*Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons. E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente*” (12:31). Como vimos, no capítulo 12 Paulo falou sobre o Espírito Santo e como ele trabalha, derramando dons espirituais sobre os crentes. No capítulo 13 ele afirma que o amor é o que existe de mais importante no

“Ainda que eu fale as línguas dos homens, e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue os meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (13:1–3).

Paulo inicia o capítulo do amor comparando-o ao que os coríntios mais valorizaram. Eles valorizavam boa eloquência e por isso achavam que o dom de línguas era um dom credencial; mas Paulo afirma que mesmo que eu fale a língua dos homens e dos anjos, referindo-se ao dom de línguas, se não tiver amor, serei apenas como um ruído. Aqueles gregos intelectualizados valorizavam o conhecimento, por isso Paulo afirmou que o amor é mais importante do que qualquer tipo de conhecimento.

Como a igreja de Corinto era uma igreja carismática, eles valorizavam a profecia e o entendimento de mistérios. Por esse motivo Paulo declarou que mesmo que seu tivesse

o dom de profecia e o conhecimento de todos os mistérios no mundo, mas não tivesse amor, nada seria.

Ele também disse que mesmo que eu desse todo o meu dinheiro para alimentar os pobres e o meu corpo para ser queimado como mártir, mas se não tivesse amor, eu nada conseguira com o meu gesto e o meu martírio. No início da carta Paulo reconheceu que os coríntios eram extremamente abençoados com dons (1:7). De acordo com Paulo, nada do que somos, temos ou fazemos pode substituir o amor em nossas vidas, porque o amor é o que existe de mais importante neste mundo. Paulo concordava com o apóstolo João, na sua afirmação que Deus é amor. Por isso afirmamos que o amor é o que existe de mais importante neste mundo e por isso nada do que eu seja, tenha ou faça pode substituir o amor na minha vida.

Existem várias palavras gregas para amor. Nesse contexto a palavra usada por Paulo é “ágape”. Ela descreve o sentimento com que Deus nos ama e com o qual

podemos amar outras pessoas; descreve o amor que é fruto do Espírito (Gálatas 5: 22,23).

Não podemos definir o amor, mas podemos descrever como ele se comporta. Nos versículos quatro a sete, Paulo passa o conceito do amor pelo prisma do Espírito Santo, o que resulta num conjunto de quinze virtudes: *“O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensorbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”* (13:4-7).

O Amor é Indestrutível

Esse conjunto de virtudes traz várias revelações sobre o amor ágape. A primeira é que o amor é indestrutível. Ele é paciente, jamais acaba, tudo sofre e tudo suporta. Quando amamos alguém com o amor ágape, não importa o que a outra pessoa faça; esse

amor tudo supera porque é o amor de Deus. É assim que Deus nos ama. Enquanto vivíamos nossa vida de pecado, Deus mostrou o Seu amor mandando o Seu Filho para morrer por nós (Romanos 5:8). Quando amamos com o mesmo tipo de amor indestrutível com o qual Deus nos amou, suportamos tudo, porque esse amor é indestrutível.

Amor Incondicional

O amor também é incondicional. O amor ágape não depende do que a pessoa amada faz ou deixa de fazer. O amor humano geralmente age de modo contrário. Esperamos determinado comportamento da pessoa amada e o sentimento permanece enquanto ela se comporta apropriadamente. Esse é o amor de muitos pais pelos seus filhos e de maridos e esposas. Uma pessoa amada com esse amor sente-se insegura e nunca sabe se o seu comportamento está sendo aceito ou não; ela se preocupa se está ou não de acordo com as expectativas. E mesmo estando, não tem certeza de quanto tempo conseguirá satisfazer essas expectativas.

O amor ágape é diferente. Ele é incondicional. Quando amamos incondicionalmente não mantemos uma lista de coisas erradas ou desapropriadas como prova de que aquela pessoa não merece mais ser amada. O amor incondicional nunca acaba e a pessoa amada sente-se segura com esse amor. Mais uma vez afirmo: é assim que Deus nos ama. Mesmo quando pecamos contra Sua Santidade, Ele afasta de nós os nossos pecados “quanto dista o Oriente do Ocidente” (cf. Salmo 103:12), derramando o Seu perdão e esquecendo as nossas iniquidades. O seu amor por nós não se baseia no que fazemos. É assim que devemos amar.

Amor Inspirador

O amor também é inspirador. O amor tudo crê e tudo espera; foi assim com Jesus em relação aos apóstolos. Quando Jesus e Pedro se conheceram, Pedro chamava-se Cefas, que significa “pedra” (cf. João 1:42). Apesar da vida de Pedro ter sido marcada pela instabilidade durante três anos, mesmo assim Jesus o chamou de “pedra” e disse:

“... tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16: 18:19).

Experimente usar essa estratégia com seus filhos. Geralmente as crianças são aquilo que elas ouvem sobre si mesmas durante suas vidas. Se você diz que seu filho é um perdedor, é burro, incapaz etc, ele provavelmente vai acabar indo ao encontro desta expectativa. Mas se tivermos pelos nossos filhos o amor ágape, que tudo crê e tudo espera, testemunharemos nossos filhos atingirem ou superarem nossas expectativas e esperanças quanto ao potencial deles. Esse amor positivo que acredita no potencial dos nossos filhos acaba fazendo com que eles próprios também creiam em seu potencial e tenham uma expectativa positiva em relação ao futuro. É com esse amor inspirador que devemos amar nosso cônjuge, nossos filhos e as pessoas que nos rodeiam.

O Amor Jamais Acaba

Depois de descrever como é o amor, Paulo volta aos dons espirituais. Ele mostrou que os dons espirituais não substituirão o amor, e o amor sobreviverá a tudo: “*o amor jamais acaba; mas havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado*” (8-10).

Quando Jesus Cristo voltar não precisaremos mais de profecias. Quando O virmos face a face e O conhecermos como Ele é, não precisaremos mais do nosso conhecimento humano tão limitado. Todos os dons do Espírito Santo vão passar, mas três coisas permanecerão para sempre: “*Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor*” (13).

Esperança é a convicção de que nesta vida vamos encontrar algo bom que Deus coloca em nossos corações e é também a expectativa de que existe algo muito melhor além deste mundo. O capítulo 11 de Hebreus descreve esta esperança: “*Ora, a fé é a*

certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem” (Hebreus 11:1). Isto quer dizer que a esperança é a base da convicção que Deus nos dá para sermos conduzidos à fé, e a fé nos leva a Deus. O capítulo de fé de Hebreus também fala que sem fé não podemos nos aproximar de Deus (Hebreus 11:6).

O que Paulo está dizendo no último versículo do capítulo 13 de I Coríntios é que a esperança nos leva à fé e a fé nos leva a Deus, mas quando encontramos o amor ágape é diferente. Não encontramos apenas algo que nos leva a Deus, mas encontramos o próprio Deus, porque Deus é amor. Esta é a essência de Deus. Por isso Paulo classificou o amor como a maior dessas três virtudes e disse para fazermos da busca do amor ágape a maior prioridade da nossa vida.

Capítulo 8

A Ressurreição do Todos os Crentes (Capítulo 15)

O capítulo 15 é, na Bíblia, o Capítulo da Ressurreição; e o ensino da ressurreição é apresentado aos coríntios por Paulo, como parte da solução de muitos problemas na igreja. Os filósofos gregos duvidavam de qualquer tipo de fenômeno sobrenatural. Paulo estava se dirigindo a crentes gregos, que tinham uma herança cultural e intelectual que interferia na aceitação do sobrenatural, principalmente no que se referia à ressurreição de Cristo e dos mortos em Cristo. Se os coríntios não tivessem duvidado da ressurreição, hoje não teríamos o capítulo 15 de I Coríntios que é uma obra-prima sobre este assunto.

Paulo lembrou-os do que eles já tinham ouvido; que a ressurreição de Jesus Cristo é uma parte vital do Evangelho que ele tinha pregado e no qual eles tinham crido: *“Irmãos, venho lembrarvos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda*

perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão. Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nosso pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1-4).

Esse é o Evangelho que os tinha salvado e a base de tudo em que criam. Depois que Paulo mencionou a ressurreição de Cristo como parte da sua mensagem, escreveu cinqüenta e quatro versículos sobre o assunto que chamamos de “Ressurreição Aplicada”. Paulo declarou que a ressurreição de Cristo poderia também ser comprovada por muitas testemunhas: *“E apareceu a Cefas e, depois, aos doze. Depois, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais a maioria sobrevive até agora; porém alguns já dormem. Depois, foi visto por Tiago, mais tarde, por todos os apóstolos e, afinal, depois de todos, foi visto também por mim, como por um nascido fora de tempo” (5–8).*

Foi difícil para os coríntios não apenas crer na ressurreição de Cristo, mas também na ressurreição dos mortos em Cristo, quando

Ele voltar. Com certeza Paulo os tinha ensinado sobre a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Ele relacionou a ressurreição dos crentes em Cristo com a ressurreição do próprio Cristo, chamando-a de “primícias dos que dormem” (20). Se nós não formos ressuscitados, então Cristo também não ressuscitou e nossa fé será vã (cf. 13–14). Quando Cristo morreu na cruz, carregou todo o peso dos nossos pecados. Mas quando ressuscitou dos mortos, mostrou Sua vitória sobre a morte. Por isso Sua ressurreição é parte necessária da nossa fé. A ressurreição dos nossos corpos será a aplicação da ressurreição de Jesus Cristo em nossa própria morte e ressurreição.

Os coríntios queriam saber: “como se dará a ressurreição e como serão nossos corpos?”. O ponto principal de tudo isso é que os coríntios não acreditavam na ressurreição dos crentes em Cristo porque não entendiam como ela aconteceria. Para tratar desta questão, Paulo comparou a ressurreição dos mortos ao plantio de uma semente: *“O que semeais não nasce, se primeiro não morrer; e, quando semeais, não semeais o corpo que há de ser, mas o simples grão, como de trigo ou de qualquer outra*

semente. Mas Deus lhe dá corpo como lhe aprouve dar e a cada uma das sementes, o seu corpo apropriado” (36–38).

Uma semente no solo torna-se uma bela planta mesmo que não venhamos a entender como isso acontece. A semente plantada não parece em nada com a planta que brota do chão. Assim como Deus transforma a semente em uma planta, no dia da ressurreição Ele vai transformar nossos corpos corruptíveis: *“Pois assim também é a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. Semeia-se em desonra, ressuscita em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder. Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual” (42–44).*

Deus nos deu um corpo terreno para viver neste mundo e nos dará um corpo celestial para viver no céu. Nossa carne e sangue corruptíveis não podem entrar no reino do céu, por isso Deus transformará nossos corpos terrenos, preparando-nos para viver no domínio eterno. É isso o que acontecerá na ressurreição. Aqueles que estiverem vivos por ocasião

da volta de Cristo, experimentarão essa metamorfose num “piscar de olhos” (cf. v. 52). Quando Paulo falou dessa transformação, ensinou que essa preparação para o céu requer duas coisas: que nosso corpo corruptível se torne incorruptível e que nossa parte mortal se torne imortal. Quando estes dois milagres acontecerem, estaremos prontos para o céu. A palavra “ressurreição” significa “vitória sobre a morte”. A ressurreição dos mortos em Cristo solucionará esses dois problemas e será a vitória do crente sobre a morte. É por isso que Paulo encerra sua obra-prima da ressurreição declarando que a morte e a ressurreição do crente será uma grande vitória! (cf. vs. 54-57).

Paulo aplica o ensino da ressurreição exortando os coríntios: “*sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão*” (58). Todos os autores da Bíblia falam da Segunda Vinda de Cristo porque esse acontecimento é a esperança abençoada da igreja e a única esperança para o mundo.

Tanto nos profetas como nos apóstolos encontramos referências à Segunda Vinda de Cristo e a todos os acontecimentos relacionados a essa esperança abençoada; um

exemplo desses acontecimentos é a nossa ressurreição. No último versículo desse capítulo Paulo aplica o Evangelho da ressurreição para motivar os crentes a fazerem a obra do Senhor. É como se Paulo dissesse que estamos no time vencedor de Deus e que a qualidade da nossa eternidade será determinada pelo nível de participação na vitória.

Capítulo 9

Mordomia (Capítulo 16)

Muitos crentes se sentem para baixo, quando Paulo, no capítulo 15, tenta elevá-los com as Boas Novas celestiais do Evangelho da ressurreição.

O capítulo 16 se inicia com Paulo dizendo: “*Quanto à coleta para os santos...*”. Precisamos compreender algumas coisas sobre a coleta e porque Paulo resolveu falar sobre este assunto nessa carta pastoral.

Com este capítulo Paulo terminou sua primeira carta aos coríntios pedindo que eles contribuíssem em favor dos judeus cristãos de Jerusalém, que estavam passando por fome e perseguição.

Ele enfatizou essa questão da contribuição e da mordomia retomando o assunto das “questões espirituais” citadas no primeiro versículo do capítulo 12, quando ele iniciou a seção construtiva desta carta, e também porque a mordomia é uma das disciplinas espirituais que determinam a saúde espiritual e a vitalidade do crente.

Nesta passagem Paulo também fala sobre a nova criação, um dos assuntos preferidos em suas cartas (cf. II Coríntios 5:17; Gálatas 6:15). A graça de Deus e a transformação de vida têm a ver com o Evangelho de Cristo. Paulo tinha sido um dos que espalhou terror entre os cristãos de Jerusalém e Judéia (cf. Atos 8:3; 9:1, 13,14). Agora ele estava

levantando fundos entre os gentios cristãos que ele tinha levado a Cristo para ajudar os judeus cristãos que antes ele prendia para que fossem mortos.

Capítulo 10

A Segunda Carta de Paulo aos Coríntios

As Credenciais de Um Ministro (Capítulos 1 a 6)

Paulo escreveu a Primeira Carta aos Coríntios quando estava em Éfeso e a enviou através de Tito. Tito entregou-a pessoalmente e ficou com a igreja por algum tempo. Durante esse tempo ele explicou e defendeu a argumentação da carta para os envolvidos nos problemas mencionados. Enquanto isso, depois de três anos e meio em Éfeso, Paulo teve de sair da cidade por causa de um tumulto que ele iniciou (cf. Atos 19). Paulo foi para Trôade e depois para Filipos, onde esperou por Tito que lhe traria notícias dos coríntios.

A maior parte das notícias era boa. Os coríntios tinham tratado Tito com amor e cordialidade e obedeceram as instruções de Paulo. Mas outras notícias não eram tão boas. Alguns da igreja tinham começado a atacar o apostolado e as qualidades de Paulo; outros até achavam que ele era meio louco (cf. II Coríntios 5:13). Além disso, muitos se sentiram ofendidos por ele não ter ido pessoalmente falar tudo que escrevera. Mas nenhuma dessas questões dizia respeito ao conteúdo da Primeira Carta de Paulo. O problema agora era com a pessoa de Paulo. Quando ele ficou sabendo disso, escreveu a segunda carta.

Nos seis primeiros capítulos desta carta Paulo define as credenciais de um ministro, uma vez que esse era o motivo principal dos ataques que estava sofrendo. Eles não consideravam Paulo merecedor das credenciais de apóstolo e, portanto, não era qualificado para corrigi-los. Paulo escreveu esta carta com o fim de se defender como apóstolo e ministro do Evangelho. Portanto, nas suas próprias palavras, temos um resumo dos princípios mais importantes para as credenciais de um ministro.

Aqueles que hoje são chamados para o ministério pastoral são considerados ministros do Evangelho. Mas quando Paulo usa a palavra “ministro” ele não está se referindo ao líder religioso, mas ao ministro, aquela pessoa que é um discípulo verdadeiro de Jesus.

No capítulo quatro da Carta aos Efésios Paulo ensina que aqueles que são evangelistas, pastores e professores recebem dons “*com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo*” (Efésios 4:12). Ele denomina “santos” aqueles que foram separados para seguir a Cristo. Em outras palavras, o trabalho do professor ou pastor na igreja visa a preparar os “leigos”, os crentes sentados nos bancos da igreja, para trabalhar no ministério. O trabalho do ministério não foi destinado a alguns poucos profissionais, a equipe de pastores, mas a todos os membros da igreja local. Isto quer dizer que todos os membros da igreja são ministros dela.

O Treinamento do Ministro

Paulo descreve como Deus nos treina para sermos Seus ministros. Uma das coisas que Deus faz é nos ensinar a consolar os que sofrem e Ele faz isso permitindo que soframos primeiro: *“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus”* (I Coríntios 1:3–4).

Quando sofremos, somos levados a Deus e descobrimos que Ele próprio é O Consolo de que precisamos em tempos de sofrimento. Depois que sofremos e descobrimos que o consolo vem do Verdadeiro Consolador, estamos preparados, como ministros, para confortar e consolar outros que estão sofrendo; somos testemunhas fiéis do Consolador. Imagine um mendigo mostrando a outro mendigo onde está o pão. Assim é o evangelista. Um ministro de consolação, como Paulo se refere, é uma pessoa que já teve o coração machucado dizendo a outra pessoa com o coração machucado onde está o Consolo.

Depois de descrever as qualificações de um ministro, Paulo defendeu as suas próprias credenciais, falando do seu sofrimento em Listra, onde foi brutalmente apedrejado e dado como morto: *“Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos; o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos”* (8–10).

De maneira sutil, Paulo estava atestando sua autenticidade como ministro da fé. Ele abriu esta carta com uma discussão de como o sofrimento nos leva a Deus e nos qualifica como ministro de consolação; depois mostrou como ele foi qualificado para ser este tipo de ministro. Na cidade de Listra Deus permitiu que Paulo sofresse além do que podia suportar, a ponto de *“desesperar da própria vida”*, para que aprendesse a confiar em Deus e não nele mesmo. Depois que aprendeu a não confiar nele próprio, aprendeu que

só Deus pode ressuscitar os mortos e dar livramento porque o livrou daquilo que deve ter sido uma experiência tremenda em sua vida. Alguns acreditam que Paulo estivesse falando da sua própria morte e ressurreição quando foi apedrejado em Listra. Para outros, Paulo usou uma linguagem figurada.

O Dever do Ministro

Qual é o dever de um ministro? A resposta a essa pergunta está nessas palavras de Paulo: *“somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para a morte; para com aqueles, aroma de vida para a vida”* (2:15–16).

De acordo com Paulo, como ministros do Evangelho, somos como flores que exalam o doce perfume de Cristo por onde passamos. Esta fragrância pode levar alguns à salvação e à vida eterna e outros à morte. Se rejeitarem nosso perfume, rejeitam a Cristo

e esse caminho leva à morte. Mas se são levados a Cristo através do Seu perfume que exalamos, encontram nEle a salvação e a vida eterna.

O peso de tal responsabilidade fez Paulo perguntar: “*Quem, porém, é suficiente para estas coisas?*” (16). Não somos suficientes para ser a diferença entre vida ou morte eterna para aqueles que passam por nós, mas Deus o é: “... *não que por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus*” (3:5). É através do Espírito Santo que vidas são transformadas. Somos apenas instrumentos através dos quais Deus exala o Seu perfume, o perfume de Cristo que transformou e ainda transforma vidas.

Capítulo 11

O Que Motiva um Motivador? (II Coríntios 5:13-6:1,2)

Paulo, ao se defender contra as acusações de que estava “louco”, ensinou outro dever de um ministro. No original grego, a palavra usada para “louco” tem o significado de “excêntrico”. Eles estavam acusando Paulo de ter perdido o centro da sua vida ou o controle da sua vida. Paulo concordou com as acusações que aqueles coríntios “egocêntricos” estavam fazendo. Cristo era o centro da vida do apóstolo Paulo e foi isso que ele quis dizer quando escreveu: “*Porque se enlouquecemos (se perdemos o centro e nos tornamos excêntricos), é para Deus*” (13).

A defesa de Paulo contra sua excentricidade ou descentragem era o amor de Cristo e o chamado para o ministério; essas duas coisas ocupavam o centro de sua vida: “*Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si*

mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou...De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus” (14–15, 20a).

Os Três Princípios Absolutos de Paulo:

Paulo baseava suas ações nestes três princípios absolutos:

- ⌚ Cristo morreu por todos;
- ⌚ Todos estão perdidos e,
- ⌚ Todos precisam ouvir a mensagem do Evangelho.

Cristo e esses três princípios absolutos estavam no centro da vida de Paulo e eram sua motivação. Realmente ele vivia como um excêntrico (18).

Níveis de Relacionamento

Encontramos nesse trecho da carta, além da janela que mostrou a motivação do coração do apóstolo Paulo, um perfil de três níveis de maturidade. Esses níveis descrevem nosso tipo de relacionamento com Cristo: por Cristo, em Cristo e para Cristo. Quando falamos “por Cristo”, nos referimos a tudo que recebemos referente à salvação e bênçãos espirituais através d’Ele; “em Cristo” temos união com Ele, a fonte de tudo que precisamos para segui-lo. Essas duas palavras representam nossa absoluta rendição a tudo que está no coração de Cristo, ou seja, todos os perdidos que precisam ouvir o Evangelho da salvação; quando falamos “para Cristo”, referimo-nos à nossa motivação para viver por Cristo e em Cristo.

A Transparência de um Ministro

A segunda carta de Paulo aos coríntios enfoca as características do ministro que Deus quer que todo crente seja. Na carta aos Efésios Paulo falou que Deus “nos criou em Cristo para boas obras”, preparadas por Deus antes da nossa salvação para que andássemos nelas (cf. Efésios 2:10). Fomos salvos pela graça, mas fomos criados para boas obras, isto é, Deus tem um ministério para nós e esse ministério é uma das razões porque fomos salvos. Não somos salvos pelas boas obras; mas elas são propósitos da nossa existência, e da nossa salvação.

Já aprendemos com esse estudo, que todos os crentes são ministros do Evangelho, criados por Deus para boas obras e que o propósito do nosso ministério é reconciliar os perdidos com Deus. Mas para que levemos pessoas a Deus, precisamos ter a marca de uma honestidade transparente em nossas vidas. As pessoas precisam saber que tudo de bom que acontece na nossa vida acontece por causa de Cristo, que nos salvou e vive em nós.

Como Enxergamos Nossa Vida?

A transparência de um ministro começa pela maneira como ele se vê. Ele deve vê-se como um simples vaso usado por Deus: *“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós... levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo”* (4:7, 10).

Somos como vasos de barro, mas nesses vasos carregamos um tesouro inestimável de Jesus Cristo e nossa transparência torna esse Tesouro conhecido por outras pessoas. Nosso Tesouro é como uma Luz que brilha pelas rachaduras do vaso, mesmo que essas rachaduras sejam nossas fraquezas humanas, que mesmo assim evidenciam nossa transparência.

A fim de cumprir nosso dever como ministros, Deus permite que o vaso sofra pressão. As pressões são as tribulações que passamos por causa do Evangelho. Paulo se referiu

às suas próprias tribulações nesta carta para demonstrar como elas eram partes do seu treinamento para ministro do Evangelho. Cristo Se revela em nossas tribulações porque Seu poder nos capacita a enfrentá-las: *“Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos”* (4:8–9). Quando as tribulações vêm sobre nós e nós persistimos na fé, as pessoas se surpreendem com nossa força e aí podemos compartilhar com elas o Tesouro inestimável de Cristo.

Um Seminário de Sofrimento

De acordo com Paulo, é nas provações que provamos ser ministros de Deus: *“Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angustias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns”* (6:4–5).

Eu entendo que essas adversidades são as “tempestades da vida”. A fim de Se revelar, Deus permite que Seus ministros sejam pegos nessas tempestades. Ele não só permite, como às vezes conduz essas pressões sobre nós.

Deus quer que Seus ministros respondam de uma maneira positiva a essas tempestades: “*na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido*”. Mas, como fazer isso? Através dos recursos espirituais que Ele nos dá: “*no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas*” (6–7). Com essas pressões e nossa resposta no Espírito de Deus, mostramos Cristo ao mundo e a nossa autenticidade como Seus ministros.

No capítulo cinco, Paulo abriu uma janela que revelou suas motivações. No capítulo 11, noutra janela, revelou sua biografia na sua história e no seu sofrimento: “*Eu ainda muito mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de*

acoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez” (11:23–27). Através dessas tribulações e da maneira como Paulo respondeu a elas, ele pode provar que era um ministro do Evangelho.

De que maneira as pessoas sabem que você é um ministro de Deus? Elas querem ver a diferença de uma vida com Cristo e uma vida sem Cristo. Será que elas vêem o Tesouro que vive no seu vaso de barro? O ministro do Evangelho não tem nada a ver com o que Paulo chamou de “adulteração da Palavra de Deus” (cf. 4:2). A autenticidade do ministro tem a ver com o testemunho transparente; sofremos por causa de Cristo, mas

resistimos firmes através do poder do Espírito Santo. Um ministro deve evidenciar Cristo para aqueles que estão em busca de um Salvador.

Capítulo 12

A Transcendência de um Ministro

A Experiência na Estrada de Damasco

É impossível entender a vida do apóstolo Paulo sem considerar as experiências que ele teve. Ele viveu experiências tremendas. Antes de se converter ao cristianismo, Paulo perseguia a igreja com um zelo destemido. O então Saulo de Tarso era determinado a destruir a primeira geração da igreja de Jesus Cristo. Mas ele teve uma experiência com Cristo na estrada de Damasco, onde Cristo falou diretamente com ele e o cegou com uma luz forte (cf. Atos 9). Essa experiência mudou sua vida para sempre!

A Experiência no Deserto da Arábia

Antes de iniciar seu ministério, Paulo foi para o deserto da Arábia onde teve outra experiência. Lá ele foi instruído para ser ministro. Ele não teve um treinamento junto com outros homens, como os outros apóstolos, mas com o próprio Cristo (cf. Gálatas 1:12). Os estudiosos não são unânimes quanto ao tempo em que Paulo passou no deserto com Cristo. Alguns dizem que foram três anos, enquanto outros acreditam que pode ter sido mais tempo. Os apóstolos tiveram um treinamento de três anos com o Mestre e Paulo afirma ter tido esse treinamento no deserto da Arábia. Essa experiência no deserto o preparou para escrever metade do Novo Testamento e anunciar o Evangelho para todo o mundo daquele tempo.

A Experiência Celestial

Em II Coríntios 12, Paulo registrou mais uma de suas experiências, onde conta como foi levado ao terceiro céu. Ele não dá muitos detalhes, mas diz: “*ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir*” (4). Paulo compartilhou essa experiência celestial com os coríntios para mostrar suas credenciais como ministro do Evangelho. Mas também para provar que é possível experimentar uma dimensão celestial enquanto ainda estamos vivendo na terra. Eu chamo essa experiência de “transcendência do ministro”.

A Perspectiva Celestial

A experiência do terceiro céu deixou uma marca permanente na vida de Paulo. A partir de então era como se ele tivesse um pé no céu e outro na terra. Várias vezes ele falou sobre o desejo de deixar esta vida e estar com Cristo, e considerava sua vida terrena menos atraente do que a glória de estar com Cristo. (cf. Filipenses 1:21– 24).

Essa experiência mudou a visão e vida que ele tinha. Escrevendo aos efésios, Paulo manifestou o desejo de que eles mantivessem a visão do céu bem forte em suas mentes: *“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo”* (Efésios 1:3). Basicamente foi o que ele escreveu aos coríntios, que *“se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens”* (I Coríntios 15:19).

Uma Perspectiva Humilde

No capítulo 12 desta carta, Paulo abre uma janela para sua biografia e conta que lhe foi dado um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para o esbofetear, a fim de que ele não se exaltasse (7). Os estudiosos não chegam a um acordo quanto ao que seria este espinho na carne. Paulo escreveu aos gálatas falando que seus olhos causavam repugnância em quem os via e que, se possível, eles teriam até arrancado os próprios olhos e lhe dado (cf. Gálatas 4:15).

Na sua carta aos coríntios, ele fala também de uma fadiga crônica. Ele diz que eles consideravam sua presença física fraca e os lembra que foi em grande fraqueza que esteve com eles (I Coríntios 2:3; II Coríntios 10:10). Como Paulo escreveu metade do Novo Testamento, plantou igreja em toda parte do mundo dos seus dias e teve experiências extraordinárias com o Cristo ressuscitado, acreditava que Deus tenha considerado a possibilidade de ele ficar cheio de si, com tantos feitos, e por isso lhe permitiu esse “espinho na carne”, para o manter humilde.

E você? Deus permitiu que você tivesse um espinho na carne? Você enfrenta limitações que o fazem pensar que Deus não o pode usar? Anime-se com as experiências de Paulo. Deus gosta de usar nossa deficiência para mostrar Sua força. Ele quer usar Sua eficiência diante da nossa ineficiência. Deus usará suas limitações para mostrar a você e aos outros que não é uma questão de quem, ou o que somos, mas uma questão de o Que, e Quem Ele é. Servir a Deus não é uma questão do que podemos

fazer, mas do que Deus pode fazer. Agradeça a Deus por Ele ser forte apesar de você ser fraco e deixe que Ele manifeste na sua vida o poder d'Ele, de uma maneira que você nunca experimentou antes.

Capítulo 13

A Graça de Contribuir

Existe mais um ensinamento de Paulo na sua Segunda Carta aos Coríntios que enfocaremos agora, na finalização desse estudo. Antes de se converter ao cristianismo, Paulo era um fariseu zeloso que se dedicava à preservação da fé judaica ortodoxa. Ele rejeitava a Cristo e via Seus seguidores como uma ameaça à fé judaica. Por isso perseguia persistentemente todos os judeus discípulos de Jesus Cristo. Depois de sua conversão ao cristianismo, a lembrança de tantos judeus presos e condenados à morte, como, por exemplo, Estevão, devia causar-lhe um sentimento de culpa. Os judeus cristãos

de Jerusalém e Judéia ainda sofriam por causa da perseguição e da fome. Como já vimos no último capítulo da sua Primeira Carta aos Coríntos, Paulo estava cheio de compaixão por aqueles judeus cristãos e quis arrecadar uma oferta em favor deles entre as igrejas dos gentios. Aquele antigo perseguidor de judeus cristãos agora estava cheio de compaixão por eles e tentava levantar uma oferta que aliviaria o seu sofrimento. Isso é uma demonstração do milagre da graça de Deus transformando vidas.

Paulo escreveu sobre essa oferta de amor em II Coríntios, nos capítulos oito e nove, pedindo que eles contribuíssem com uma oferta que partisse do seu coração e compartilhou com eles a atitude dos crentes de Filipos, de onde ele escreveu a carta, e a quem Paulo considerava um exemplo de generosidade, mordomia e fidelidade àquilo que Deus lhes dava. As viagens missionárias de Paulo eram financiadas pelos crentes de Filipos, que eram crentes maduros na fé; Paulo sabia que eles contribuía com entendimento do que era ser bom despenseiro e mordomo fiel de Deus. Os filipenses tinham ofertado aos santos em Jerusalém que estavam sendo perseguidos, fato que está

registrado nessa segunda carta aos coríntios: *“Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas também deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus; o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós. Como, porém, em tudo, manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça”* (8:1–7).

Paulo apresentou os filipenses aos coríntios como exemplos de despenseiros e mordomos do que Deus lhes dava. À medida que Paulo fala da mordomia exemplar dos filipenses, apresenta uma obrapríma sobre este assunto. Temos aqui um breve resumo

dos padrões de mordomia da Igreja de Filipos que Paulo transformou em exemplo nesta Carta aos Coríntios.

Mordomia Fiel

Vejamos o que Paulo afirmou a respeito dos filipenses: “*deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus*” (5). Paulo não aceitaria nenhuma oferta sem antes saber que os ofertantes satisfaziam alguns pré-requisitos. Eles precisavam ter entregado suas vidas a Deus antes de darem qualquer parte deles mesmos aos homens. Os filipenses só se entregaram a Paulo depois que Deus lhes confirmou que era isso que Ele queria que fizessem.

Além disso, os filipenses abriram mão da sua própria vontade, insistindo que tivessem o privilégio de participar daquele ministério em favor dos judeus cristãos que estavam sendo perseguidos. Esse é outro aspecto importante quando contribuímos. Conforme escreveu no capítulo nove, Paulo nunca coagiu nem manipulou alguém para que

participasse das suas ofertas, porque ele preferia que essa atitude partisse do coração: *“Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria”* (9:7).

O Que Envolve Ser Bom Mordomo e Despenseiro

Paulo disse que os filipenses contribuíram com generosidade: *“... eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários”* (8:3). Sabemos que eles não eram ricos, pois o próprio Paulo afirmara que eles estavam em *“profunda pobreza”* (2).

Quando alguém contribui com generosidade, logo concluímos que essa pessoa é rica, como se fosse mais fácil para um rico contribuir com abundância. Mas esse não foi o caso dos filipenses; eles contribuíram além de suas posses, em tempos de profunda pobreza e grande tribulação.

Como é que um cristão pode dar além de suas posses? Deixando que a graça de Deus aumente sua oferta. Quando decidimos com quanto podemos contribuir para o trabalho do Senhor e depois pedimos a Deus que acrescente Sua graça àquela oferta, testemunhamos o trabalho de Deus através da nossa fé. Pela Sua graça Ele multiplica o que Lhe ofertamos em fé.

Os filipenses, em sua profunda pobreza, ofertaram com simplicidade e viram a graça de Deus multiplicar aquela oferta que foi feita além de suas posses. Foi isso o que Paulo quis dizer quando escreveu: “*Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia*” (1). A palavra grega para “graça” é “charis” ou “charisma”, que significa o poder e as bênçãos de Deus sobre a vida da pessoa. É a graça de Deus que nos possibilita dar além das nossas capacidades. É isso o que significa “graça de contribuir”.

A Igualdade na Mordomia

Quando Paulo convidou os coríntios para contribuir com amor para os judeus cristãos de Jerusalém e da Judéia, ele escreveu: *“Porque não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade, suprimindo a vossa abundância no presente a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e assim, haja igualdade, como está escrito: O que muito colheu, não teve demais; e o que pouco, não teve falta”* (8:13–15).

O ato de contribuir deve ser proporcional ao que o crente tem, não ao que ele não tem. Deus pode usar uma oferta proporcionalmente ao sacrifício com o qual ela foi feita. Quando damos o que temos com fé, mesmo que seja difícil e não tenhamos muito para dar, Deus multiplica esta oferta de maneira misteriosa para que ela tenha o mesmo valor daquela oferta que envolveu o pouco sacrifício do homem rico. O fruto da oferta não depende do quanto foi dado, mas do sacrifício e da fé nela aplicados.

Foi exatamente isso o que Jesus disse em relação à viúva pobre que deu uma oferta tão pequena, mas que na verdade era mais do que outros estavam dando, porque ela contribuiu com tudo o que tinha para o seu sustento (Lucas 21:1-4).

E você? Reconhece que tudo o que possui pertence a Deus e que Ele quer que você exerça uma mordomia fiel sobre tudo o que Ele lhe tem dado? Você tem contribuído com alegria para a obra de Deus? Sua contribuição envolve sacrifício? Seja fiel com o que você tem e Deus usará isso para abençoar o Seu reino. Isso é promessa d'Ele.